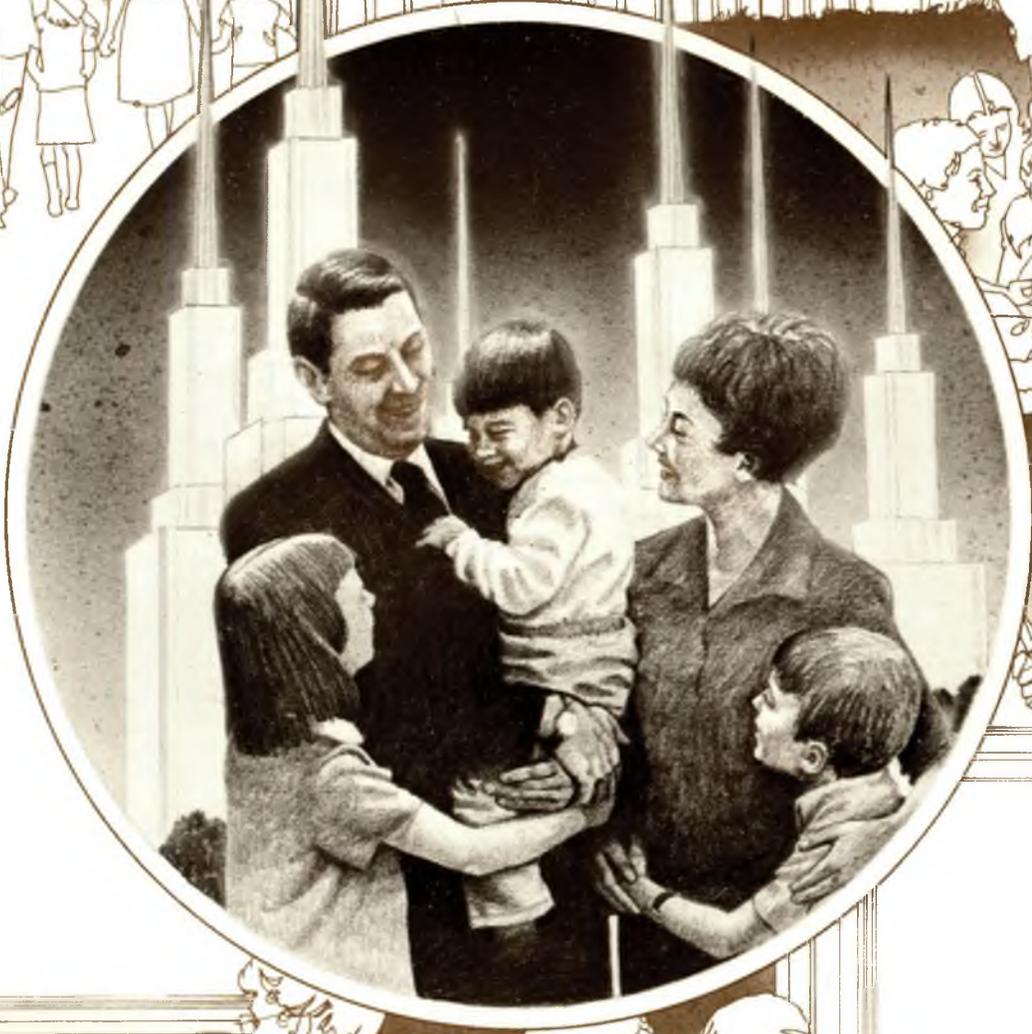


EDIÇÃO
O Membro Missionário





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A ^{30/11} Liahona ^{novembro 1977}

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "Todo o Que For Prevenido...", Pres. Spencer W. Kimball.
- 4 COMO TER SUCESSO COMO MEMBRO MISSIONÁRIO, Elder Frankin D. Richards.
- 7 COMO FACILITAR O TRABALHO MISSIONÁRIO.
- 7 — REALIZAR UMA NOITE FAMILIAR PARA NÃO-MEMBROS.
- 8 — ENVIAR O LIVRO DE MORMON EM MISSÃO.
- 9 — A LIAHONA COMO MISSIONÁRIO.
- 10 — LEVA-LOS À AULA DA ESCOLA DOMINICAL.
- 14 COMO TESTIFICAR, Stephen R. Covey
- 16 O SEU TESTEMUNHO LEVOU AO MEU, Jutta Slopek
- 25 ATRAVÉS DE UM HOMEM, UMA NAÇÃO, Elder Emilio Vergelli
- 26 O ESPÍRITO MISSIONÁRIO. Elder Jacob de Jager
- 28 O TRABALHO MISSIONÁRIO COMEÇA EM CASA: COMO AJUDAR OS NÃO-MEMBROS DA PRÓPRIA FAMÍLIA, Ernest Eberhard Jr.
- 30 "SIGAM-ME", Kathryn H. Ipson
- 31 O QUE FAZER E NÃO FAZER AO LEVAR AMIGOS À IGREJA, Spencer J. Condie.
- 33 MEUS ALUNOS PRISIONEIROs, Janette Miller.
- 34 FALE-NOS DE SUA RELIGIÃO, George D. Durrant.
- 36 MEMBROS MISSIONÁRIOS, Laird Roberts.
- 38 PERFIL DE UM LÍDER — Presidente Jorge Flavio de Moraes
- 39 INAUGURADA NOVA CAPELA
- 40 IRMÃ MARIA CARMONA, UMA PIONEIRA DA IGREJA EM CAMPINAS
- 41 CONFEÇÃO DE GARMENTS E ROUPAS PARA O TEMPLO DE S. PAULO

SEÇÃO INFANTIL:

- 17 TODA GENTE PODE FAZER TRABALHO MISSIONÁRIO.
- 18 DE UM AMIGO PARA OUTRO, Elder William R. Bradford
- 20 QUERO SER UM MISSIONÁRIO.
- 23 MEU DIÁRIO MISSIONÁRIO.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubú n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

“Todo o Que For Prevenido...”



Presidente Spencer W. Kimball

Nenhuma pessoa que foi convertida ao evangelho deve furtar-se à responsabilidade de ensinar a verdade a outros. É o nosso privilégio. É o nosso dever. É um mandamento do Senhor.

Disse o Presidente Heber J. Grant: “O primeiro grande mandamento foi amar ao Senhor, nosso Deus, de todo o coração, poder, pensamento e força; e o segundo, semelhante a este, foi amar a nosso próximo como a nós mesmos. E a melhor maneira neste mundo de demonstrar amor ao próximo é proclamar-lhe o evangelho do Senhor Jesus Cristo, no qual ele nos deu um conhecimento absoluto a respeito de sua divindade.” (Conference Report, abril de 1927, p. 176.)

Há poucos anos, perguntaram-me: “Deve todo moço, membro da Igreja, cumprir missão?” E eu respondi com a resposta dada pelo Senhor: “Sim, todo jovem deve cumprir uma missão.” O Senhor espera isso dele. E caso ele no momento não seja digno de fazê-lo, então deverá começar agora mesmo a qualificar-se. O Senhor instruiu: “Enviai os élderes da minha igreja às nações longínquas; às ilhas dos mares; enviai-os às nações estrangeiras; adverti a todas as nações, primeiro aos gentios, e depois aos judeus.” (D&C 133:8.)

Assim, pois, os élderes — os jovens da Igreja em idade de serem ordenados élderes — devem estar preparados e dispostos a cumprir uma missão para a Igreja em qualquer parte do mundo. Atualmente, apenas cerca de um terço dos moços elegíveis da Igreja cumprem missão de tempo integral! Um terço não é “todo jovem”.

Alguém poderia igualmente perguntar: “Deve toda moça, todo pai e mãe, todo membro da Igreja servir uma missão?” Novamente o Senhor responde: Sim, todo homem, mulher e criança — todo jovem e todo garoto e garota — deve servir uma missão. Isto não significa que devam cumprí-la longe de casa ou até mesmo ser chamados formalmente e designados como missionários de tempo integral. Quer dizer,

sim, que todos nós temos a responsabilidade de prestar testemunho das verdades do evangelho que recebemos. Todos nós temos parentes, vizinhos, amigos e colegas de trabalho, e cabe-nos a responsabilidade de transmitir-lhes o evangelho, tanto pelo exemplo como por preceito.

As escrituras declaram com absoluta clareza que todos os membros da Igreja têm a responsabilidade de fazer trabalho missionário: “Todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo.” (D&C 88:81.)

Os profetas desta dispensação também têm ensinado claramente o conceito de que o serviço missionário é responsabilidade de todos os membros. O Presidente David O. McKay ensinou esse princípio por meio do desafio: “Todo membro um missionário!” (Vide Conference Report, abril de 1959, p. 122.)

Quão emocionante é, meus queridos irmãos companheiros no reino de Deus, confiar-nos o Senhor a missão de servir como mensageiros da sua palavra aos nossos irmãos que não são membros da Igreja. Suponhamos, por um momento, que os papéis fossem invertidos — que não fôssemos membros da Igreja, e vosso atual vizinho não-membro fosse um santo dos últimos dias. Gostariéis de que ele compartilhasse convosco o evangelho? Então vos regozijaríeis com as novas verdades aprendidas? Aumentaria o vosso amor e respeito pelo vizinho que partilhou essas verdades convosco? Naturalmente, a resposta a todas essas perguntas seria: Sim!

As escrituras estabelecem taxativamente que o evangelho deve ser levado a todo o mundo. O Senhor deu ênfase a este ponto, quando levou os apóstolos ao topo do Monte das Oliveiras pouco antes de sua ascensão e falou: “E ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (Atos 1:8.) A mesma injunção aplica-se aos seus discípulos de hoje, e suas palavras “os confins da terra” incluem, sem dúvida, os

habitantes de todos os continentes e de todos os recantos do mundo.

“Testificarás quanto ao meu nome, não só aos gentios como também aos judeus; e enviarás a minha palavra aos confins da terra.” (D&C 112:4.)

Estas palavras do Senhor são, sem dúvida, significativas: “**todas as nações**”, “**toda nação**”, “**toda terra**”, “**extremidade da terra**”, “**toda língua**”, “**tudo o povo**”, “**confins da terra**”. Esta foi e é uma necessidade universal que exige uma cobertura universal. A humanidade é a família universal de nosso Pai nos céus, e nós recebemos o mandamento universal de levar o evangelho aos membros dessa família.

Não houvesse conversos, a Igreja haveria de fenececer e morrer. A maior razão do trabalho missionário, porém, talvez seja a de dar ao mundo sua oportunidade de ouvir e aceitar o evangelho. As escrituras estão repletas de **mandamentos** e **promessas**, chamados e recompensas para o ensino do evangelho. Eu uso o termo **mandamento** deliberadamente, pois parece ser uma diretiva insistente da qual não há como escapar, tanto individual como coletivamente. Ademais, o mandamento deixa claro não só que todos os membros da sua igreja devem prestar serviço missionário, como que devemos levar o evangelho a todos os filhos do Pai Celestial nesta terra.

O Senhor indicou que podemos esperar ser assistidos pelo seu poder, quando proclamamos a sua palavra, dizendo: “É-me dado todo o **poder** no céu e na terra.” E nos versículos seguintes, mostra uma forma de se usar esse poder: “**Portanto**, ide, ensinai todas as nações... ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.” (Mateus 28:18-20; grifo nosso.)

Se o trabalho missionário é, de fato, a obra do Senhor, o que é incontestável, e se há de continuar pelo seu poder, o que acontecerá, então por que haveríamos nós, santos dos últimos dias, de temer ou hesitar na propagação do evangelho a outros?

O Senhor disse ao Profeta Jeremias: “Eis que eu **sou** o Senhor, o Deus de toda a carne: seria qualquer coisa maravilhosa para mim?” (Jer. 32:27.) Creio que o Senhor pode fazer tudo o que quiser, e certamente ele deseja que o seu evangelho seja ensinado a toda pessoa na terra.

O Senhor esclareceu que não só abrirá as portas necessárias ao trabalho missionário, como acompanhará os que participam desse serviço. Nos primórdios desta dispensação, ele fez a promessa que segue ao presidente do Quorum dos Doze, e os mesmos princípios se aplicam a todos os que o servem:

“Portanto, aonde quer que te mandarem, vai, e **estarei contigo**; e em todo lugar que proclamares o meu nome, **ser-te-á aberta uma porta eficaz**, para que recebam a minha palavra.” (D&C 112:19; grifo nosso.)

Portanto, não é caso de questionar se devemos ou não servir como missionários, mas de nos preparar e depois fazê-lo. Não existem no mundo portas impenetráveis no que diz respeito à pregação do evangelho. Não vejo nenhuma razão para o Senhor abrir portas que não estamos preparados para entrar; creio,

contudo, que ele **abrirá** toda porta missionária para a qual estivermos preparados. E se não entrarmos, então a responsabilidade recairá sobre nós. Se não cumprirmos nosso dever com respeito ao serviço missionário, então estou certo de que Deus nos terá como responsáveis pelas pessoas que poderíamos ter salvo, se tivéssemos feito nosso dever.

Nosso papel como missionário não é principalmente **convencer** as pessoas quanto à veracidade do evangelho. Estivesse o Senhor interessado primordialmente em **convencer** o povo quanto à natureza divina de sua obra, poderia, e talvez o fizesse, demonstrar seus poderes de tal maneira, que grande número de pessoas conhecesse a verdade em relativamente pouco tempo. Poderia falar, se quisesse, e todos os povos da terra o ouviriam em seu próprio idioma. Ou então gravar suas palavras no firmamento, onde todos pudessem ler ou vê-las. Porém, se essas pessoas assim convencidas não modificassem realmente sua vida para melhor, não se arrependessem de seus pecados, e não se voltassem a ele em retidão, elas estariam em pior estado que antes e mais insensíveis aos sussurros do Santo Espírito.

“ASSIM QUE, SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO, NOVA CRIATURA É: AS COISAS VELHAS JÁ PASSARAM; EIS QUE TUDO SE FEZ NOVO.”

(2 COR. 5:17.)

Não, o Senhor não está interessado principalmente em que seus filhos sejam apenas **convencidos** de seu trabalho. Ele quer que sejam **convertidos** ao evangelho. A pessoa realmente convertida abandona seus velhos caminhos pecaminosos e começa uma vida nova em Cristo; sua vida sofre realmente uma “**conversão**” ou mudança. Conforme o colocou em outros tempos o Apóstolo Paulo —

“Assim que, se alguém **está** em Cristo, nova criatura é: as **coisas** velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2 Cor. 5:17.)

Na verdade, ninguém é convertido pelo missionário; quem converte é o Espírito Santo. O poder de conversão está ligado diretamente ao Espírito Santo, pois que pessoa alguma pode realmente converter-se e saber que Jesus é o Cristo, a não ser pelo poder do Espírito Santo. Mas os missionários e membros são componentes vitais e necessários do processo de conversão. Devemos prestar testemunho de que o evangelho é verdadeiro; nosso testemunho bem pode ser a centelha que inflama o processo de conversão. Conseqüentemente, temos dupla responsabilidade: precisamos testificar a respeito das coisas que sabemos, sentimos e temos sentido, e temos que viver de modo que possamos ser merecedores da companhia

do Espírito Santo, para que ele, com seu poder, faça nossas palavras calarem fundo no coração do investigador.

O Senhor prometeu-nos grandes bênçãos, proporcionais a quão bem compartilhamos o evangelho. Ao ocorrerem os milagres espirituais, receberemos auxílio do outro lado do véu. “E onde vos receberem, aí estarei também, pois irei diante de [vós]... Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o meu espírito estará em vossos corações, e os meus anjos ao vosso redor...” (D&C 84:88.)

O Senhor falou que nossos pecados serão perdoados mais facilmente, quando trouxermos almas para Cristo e perseverarmos em prestar testemunho ao mundo; e sem dúvida, cada um de nós almeja mais ajuda para o perdão de seus pecados. (Vide D&C 84:61.) Numa das maiores escrituras missionárias, seção 4 de Doutrina & Convênios, é dito que, caso sirvamos ao Senhor no serviço missionário “de todo o coração, poder, mente e força”, poderemos “comparecer sem culpa perante o tribunal de Deus no último dia.” (Vers. 2.)

E diz mais o Senhor: “E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

“E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas!” (D&C 18:15-16.)

Devemos ter por meta identificar o mais cedo possível os filhos de nosso Pai espiritualmente preparados para seguir todo o caminho para o batismo, ingressando no reino. Uma das melhores maneiras de consegui-lo é apresentar nossos amigos, parentes, vizinhos e conhecidos aos missionários de tempo integral, tão logo seja possível. Não espereis demorada integração nem pelo momento azado, perfeito. O que é preciso descobrir é se eles são os eleitos. “[Meus] eleitos ouvem a minha voz e não endurecem os seus corações.” (D&C 29:7.) Se eles ouvem e têm coração receptivo ao evangelho, isto se mostrará imediatamente. Se não querem ouvir e seus corações se mostram endurecidos com ceticismo e comentários negativos, eles não estão preparados. Neste caso, continuai amando-os e demonstrando-lhes amizade, e aguardai uma próxima ocasião, para ver se estão prontos. Vós não perdereis a amizade deles. Eles ainda vos respeitarão.

Certamente ocorrem desalentos, mas nada está perdido. Ninguém perde um amigo, só porque este não quer continuar recebendo visitas dos missionários. O membro pode continuar a ligação, sem ameaça alguma à sua amizade ou relacionamento especial com essa família. Às vezes, alguns levam mais tempo para entrar na Igreja que outros. O membro deve continuar a amizade e voltar a tentar a conversão numa circunstância futura. Não vos deixeis desanimar por uma simples falta temporária de progresso. Existem milhares de histórias a respeito do valor da perseverança no serviço missionário.

Em certas regiões do mundo, os membros estão tendo extraordinário sucesso. Fornecem tantas refe-

rências, boas referências, prontas para serem ensinadas na casa do membro ou então na casa da família com a presença do membro, que os missionários estão ocupados de manhã à noite, só ensinando e trabalhando com essas famílias prestes a serem batizadas.

A verdadeira meta para o proselitismo eficaz é encarregarem-se os membros da identificação, e os missionários de tempo integral, do ensino. Isto tende a resolver muitos dos velhos problemas missionários. Quando membros se encarregam da identificação, eles têm um interesse pessoal na integração, perdem-se menos investigadores antes do batismo e os que se batizam geralmente tendem a permanecer ativos. Outro produto secundário é que, quando um membro se envolve, mesmo que seja apenas devido a um conhecimento casual, o investigador parece perceber mais prontamente que os mórmons têm um código de saúde especial (a Palavra de Sabedoria não é nenhuma surpresa), que os mórmons passam o domingo na Igreja e não pescando e jogando golfe (a guarda do dia do Sábado não causa surpresa) e que os mórmons contribuem generosamente para os programas da Igreja (dízimo, ofertas de jejum, orçamento, fundo de construção, fundo missionário etc. são entendidos mais facilmente). Havendo pouca ou nenhuma surpresa, torna-se mais fácil superar a relutância em batizar-se.

Os membros devem procurar fornecer referências de famílias inteiras. Os missionários ensinam pessoas solteiras, porém são enviados especialmente para trazer para a Igreja famílias inteiras. A família tende a ser mais forte na Igreja do que o indivíduo. Mesmo uma só pessoa forte na família ajudará a conservar todos ativos e a solucionar o desânimo ocasional de um ou mais familiares.

Esperamos plena cooperação entre os missionários de estaca e os de tempo integral, e o envolvimento dos membros da Igreja em geral na abertura da porta do evangelho para os demais filhos de nosso Pai. Um dos melhores meios de fazer isto é utilizar as organizações e programas da Igreja para o proselitismo. Por isso, os oficiais, professores e membros do sacerdócio e das auxiliares devem manter suas organizações na devida ordem, tornando-as realmente uma luz sobre o monte capaz de iluminar o mundo inteiro. Impossível exagerar a ênfase na necessidade de fazer o trabalho missionário sob a correlação do sacerdócio, a fim de que os investigadores sejam integrados nos programas da Igreja de tal forma, que imediatamente se tornem membros ativos e fiéis. Esta, pois, é outra maneira de todos os membros da Igreja estarem ativa e constantemente empenhados no serviço missionário — integrando, amparando e incentivando os novos membros da Igreja.

Resumindo, gostaria de citar o Profeta Joseph Smith: “A verdade de Deus avançará intrepidamente... até haver penetrado em todo continente... e soado em todo ouvido, até que se realizem os propósitos de Deus.” (History of the Church 4:540.) E depois, esta significativa revelação: “Pois, na verdade, deste lugar deve partir o som ao mundo todo, e às partes mais longínquas da terra — o evangelho deverá ser pregado a toda criatura.” (D&C 58:64.)

Como Ter Sucesso Como Membro Missionário

Uma conversa com o
Élder Franklin D. Richards
da Presidência do
Primeiro Quorum dos Setenta

Elder Richards: O trabalho missionário é, na verdade, uma maravilhosa prescrição sobre como ser feliz. No processo de compartilhar o evangelho com os outros, trazemos alegria para nossa própria vida e estabelecemos nossas próprias prioridades. O Senhor disse que cada um de nós tem a cumprir uma tarefa vitalícia: ajudar outros a saber como encontrá-lo.

Quando pergunto aos santos qual é nosso objetivo, alguns respondem: levar o evangelho a todas as nações; outros, distribuir exemplares do Livro de Mórmon; outros ainda, advertir o mundo. Geralmente leva umas doze respostas, até alguém dizer algo como “batismo de conversos” e realmente, este é o nosso propósito. Todo o resto só importa, se apontar nessa direção.

Quais são alguns meios de os membros participarem do batismo de conversos?

Élder Richards: Creio haver três maneiras fáceis de ser um membro missionário. A primeira é, parafraseando as escrituras, fazer nossa luz brilhar de modo que os outros vejam nossas boas obras. Anualmente, dezenas de milhares de pessoas se filiam à Igreja, porque observaram a vida reta de membros que vivem e apreciam os princípios do evangelho — e talvez dezenas de milhares não se filiem ou não se interessem por verem coisas, também. A segunda maneira é fazer as perguntas de ouro, como as chamamos. Algo como: “Conhece alguma coisa a respeito dos mórmons?” E, dependendo da reação: “Gostaria de saber mais?” A terceira é convidar amigos e vizinhos, para que visitem conosco reuniões e atividades da Igreja.

Por que acha que alguns dos nossos relutam em convidar outra pessoa a informar-se sobre o evangelho?

Élder Richards: Eles temem ofender alguém, ou por falta de fé — ou ambos! E sabe, isto é triste, porque o Senhor disse que os “eleitos ouvem a minha voz e não endurecem os seus corações.” (D&C 29:7.)

Presumivelmente, nossa tarefa não é trazer todo não-membro para a Igreja — apenas os eleitos! E como saber quem são os eleitos? O Senhor diz que os eleitos ouvirão a sua voz — escutarão e farão algo a respeito. Mesmo que uma pessoa não seja um “eleito” hoje, ou mesmo daqui a um ano, devido a algum problema em sua vida, sua atitude poderá mudar totalmente — tornando-se um dos eleitos. É por isso que durante a vida inteira, damos contínuas oportunidades às pessoas de ouvirem a voz do Senhor. Poderíamos acaso fazer menos? O Senhor não deu a todos nós uma porção de oportunidades na vida? Se alcançamos a estatura em que nos estamos tornando iguais a ele, então haveremos de querer o mesmo para os outros. Comprometam-se com a tarefa designada pelo Senhor, tomem-no pela palavra — então ele abrirá o caminho. É simples assim — básico assim, proveitoso assim!

Voando para Iowa há um ano atrás, sentei-me ao lado de um jovem estudante universitário que frequentava a Universidade Estadual de Utah. Perguntei-lhe se havia gostado e ele respondeu: “Simplesmente adorei.” Indaguei por que, e ele disse que era por causa do povo dali. Consegui seu nome e endereço e perguntei se permitiria que dois missionários fossem vê-lo. Seis meses mais tarde, recebi uma carta dos dois missionários, comunicando que naquela semana iam batizar o moço, seus três irmãos e irmãs e pais.

Há uns poucos meses, conversei com um senhor num aeroporto. Depois de falarmos um pouco, indaguei a seu respeito, e ele sobre mim. Eu disse: “Acho que o senhor poderia descrever-me como missionário mórmon. Gostaria de saber algo a respeito da Igreja Mórmon?” Ele disse que sim. Pedi seu nome e endereço e perguntei se poderia mandar dois membros da Igreja visitá-lo. Depois de umas três ou quatro semanas, recebi uma carta contando como estava sendo maravilhosa a experiência.

Penso que o Senhor coloca muitos de seus eleitos em nosso caminho, põe-nos perto de nós, cabendo a nós colocar aquela pessoa em contato com a verdade.

Agora, existem momentos apropriados e outros impróprios para o trabalho missionário. É bobagem perguntar a alguém se gostaria de saber mais a respeito do evangelho, quando está entretido com meia dúzia de pessoas. Converse com a pessoa, quando estiver só. E se o fizer com um sorriso e fé no coração, boa parte responderá afirmativamente. Qualquer de nós pode conseguir pelo menos uma pessoa a cada dois ou três meses para os missionários ensinarem.

Alguns membros parecem simplesmente repletos de espírito missionário — e outros aparentemente encontram dificuldade em consegui-lo. Pode-nos dar algum conselho sobre como adquirir tal espírito?

Élder Richards: Sim! E isto não costuma falhar! Leiam o testemunho de Joseph Smith semanalmente ou tantas vezes quantas precisarem — encon-

tra-se em Pérola de Grande Valor — e prometo-lhes que serão imbuídos com o espírito da restauração. O testemunho dele é o centro de nossa mensagem: que os céus foram abertos, que Deus, o Pai, e o Filho apareceram ao Profeta Joseph Smith, e que, através da sua instrumentalidade, nas mãos do Senhor, foi restaurada a plenitude do evangelho, foi restaurado o poder de agir em nome de Deus e restabelecida a Igreja. E em resultado disso, hoje em dia temos um profeta à testa da Igreja. Esta é a nossa mensagem. Quando estivermos totalmente impregnados com a mensagem, então estaremos prontos a falar a respeito dela. Gosto de ter comigo aqueles folhetos do testemunho de Joseph Smith. Leio-os e dou-os às pessoas. Muitas vezes, isso dá início à conversa.

Há outros meios de envolver com sucesso os membros em nosso chamado missionário vitalício?

Elder Richards: Certamente que sim! Encontrar e ensinar representa apenas parte do processo de conseguir batismos de conversos. Outra parte muito importante é **colaborar** com os missionários, enquanto ensinam o contato. Gosto de destacar a palavra **trabalhar**. Estou convicto de que seríamos mais eficazes, se gastássemos mais tempo trabalhando com os que demonstram interesse. Em toda conversão, existem dois aspectos — o aspecto doutrinário (parte fornecida geralmente pelos missionários) e o aspecto de integração, ou de atrair as pessoas para a Igreja com amor.

Quase toda pessoa que se filia à Igreja sofre uma transição social em sua vida. As pessoas precisam de amigos. Todos nós precisamos. E quando abandonam certo tipo de vida, perdendo também alguns amigos, elas necessitam de apoio social e emocional por meio de genuína amizade, mostrando-se-lhes a possibilidade de um convívio agradável. É aqui que entram todos os membros. O líder missionário da ala precisa entender-se imediatamente com os missionários, as auxiliares e os membros.

Se os missionários, por exemplo, apresentam uma palestra à família Silva hoje, e esta tem crianças, amanhã esses missionários devem estar em condições de levar consigo duas irmãs da Sociedade de Socorro designadas a trabalhar com a mãe durante um mês, levando-a às reuniões da Sociedade de Socorro. No dia seguinte, os missionários devem levar alguém da Primária, a fim de convidar as crianças para as reuniões e explicar do que se trata. Um dia depois, ou mais, os missionários devem voltar e convidar os adolescentes para a reunião da MUTUAL.

Anos atrás, eu estava visitando um ramo da Igreja em Savannah, Georgia. Levaram-me com minha mulher para almoçar na Sociedade de Socorro. Eu comentei:

— Mas que Sociedade de Socorro numerosa! Quantos membros vocês têm no Ramo Savannah?

A irmã respondeu: — Bem, cerca de quarenta irmãs.

Ao que repliquei: — Mas hoje há bem mais de quarenta aqui.

— Sim, — respondeu-me, — hoje temos oitenta e quatro.

Verificando, descobri que muitas eram investigadoras e amigas de membros, todas sendo “trabalhadas” e integradas na comunidade da Igreja. Integrar pela amizade é bastante produtivo com muitas de nossas famílias parcialmente membros.

A estaca média tem, digamos, uns quatrocentos e cinquenta élderes em perspectiva. Uns sessenta por cento são casados com mulheres não-membros, o que representa cerca de trezentas esposas não-membros. Temos igualmente muitas mulheres que são membros, casadas com não-membros — digamos umas cento e cinquenta. Somando, há mais ou menos quatrocentos e cinquenta famílias parcialmente membros. Acrescentando as crianças, temos mais cem, o que representa uma boa porção de pessoas elegíveis para serem ensinadas pelos missionários de tempo integral e de estaca, unindo, assim, as famílias e ajudando-as a passar pelo templo.

Sou grande adepto da eficácia do ensino em grupo. Mas não iria simplesmente juntar quaisquer desses quatrocentos e cinquenta não-membros e seus parceiros, sem refletir e orar a respeito, sem fazer com oração, certas divisões, agrupar juntos os casais mais jovens, os de meia-idade e os mais idosos. Eu os subdividiria ainda mais. Só pelo fato de uma pessoa ser jovem ou idosa, não significa que esteja interessada em qualquer um da sua idade. O que dizer dos interesses culturais, profissionais e pessoais? O agrupamento e ensino piedoso dessas famílias em grupos homogêneos resulta em coisas maravilhosas.

Onde isso alcançou mais êxito, foi porque um membro da presidência da estaca ou um sumo conselheiro chamou a pessoa e disse algo como: “João, sei que não é ativo na Igreja, mas estou justamente convidando um grupo de homens e suas esposas iguais a você a conversar comigo individualmente. Apenas queria falar com você. Seria possível passar por aqui a tal e tal hora?” Muitos atendem, e relativamente poucos se mostram hostis — estão apenas espiritualmente mortos, pelo que indicam as aparências. Tenho ouvido que muitos atendem e dizem: “Esta é a primeira vez em dez anos que alguém realmente me convidou a vir e conversar.”

Após a entrevista, o homem e sua esposa podem ser convidados a participar de um dos grupos. E exatamente como no caso da família não-membro, é aqui que se necessita de muita ajuda dos membros — na transição social, na integração. Enquanto são apresentadas as palestras, estas atividades provaram-se muito eficazes: (a) fazer todos os dias algo pela família parcialmente membro ou de investigadores; (b) levá-los às reuniões e programas sociais da Igreja, agora — esta semana!; (c) no caso de família não-membro, coordenar por intermédio dos missionários as visitas das auxiliares durante as primeiras sema-

nas; e no caso de família parcialmente membro, coordenar, através dos mestres familiares, as mesmas visitas de oficiais e professores das auxiliares; (d) programar atividades apropriadas com membros da ala; (e) levar a família a um serviço batismal; (f) combinar uma noite familiar — até mesmo com a família parcialmente membro, se o desejarem; (g) fornecer-lhe um horário das reuniões da Igreja e folhetos — porém não todos de uma só vez; (h) sugerir substitutos para problemas com a Palavra de Sabedoria; (i) jejuar e orar com eles; (j) no caso de família parcialmente membro, arranjar visitas com o bispo — os bispos têm poder de conversão.

Qual a sua recomendação para cônjuges de não-membros, muitos dos quais têm vertido muitas lágrimas e esperado e orado para que eles aceitem a Igreja?

Elder Richards: Meu conselho para essas pessoas é que mostrem a seus cônjuges, por sua maneira de viver, a maravilhosa influência do evangelho. Elas devem ser melhores pais e mães e companheiros mais atenciosos, corteses e alegres.

Devem praticar na medida do possível os ensinamentos do evangelho em seu lar e levar sua influência à vida dos filhos.

Sempre que possível, escolher amigos entre os que exercem boa influência, que promoverão o respeito e admiração pela Igreja e seus ensinamentos através do convívio.

Sem forçar, prover oportunidades para que o evangelho seja ensinado ao cônjuge. Frequentemente isto funciona melhor, quando o casal faz parte de um grupo que está sendo ensinado. Se há outros no grupo na mesma situação, isto muitas vezes ajuda.

Nunca fazer o cônjuge sentir-se como estranho ao grupo. O cônjuge que é membro e os filhos devem ajudar o não-membro a sentir a importância da unidade, da “unicidade” da família, e apegar-se à crença de que a família deve ser uma em todos os sentidos.

Acima de tudo e depois de tudo o mais que poderá fazer, lembre-se de que a maior ajuda virá do seu Pai Celestial. Orar sempre e ser paciente.

Mas seu cônjuge precisa de ajuda. A integração desempenha aqui um papel importante. Preocupa-me que alguns de nossos líderes de estaca e ala não hajam entendido plenamente a importância da integração. Digo-lhes que isto é um aspecto em que todo membro pode colaborar de verdade.

Mas não é cabível ficar simplesmente esperando que alguém venha pedir-lhes que os integre. A vida não é isso. É preciso envolver-se sempre que puder, oferecer ajuda e ficar atento. Esta é uma das razões pelas quais o Senhor nos deu o Espírito Santo — manter-nos alerta para as oportunidades de abençoar outros, bem como a nós próprios.

Estava em Vernal, Utah, perto da fronteira do Colorado, e conheci uma irmã que acabara de ajudar uma família de cinco pessoas a entrar para a Igreja. Contou que estava no armazém, quando observou aquela senhora atrapalhada com os mantimentos. “— Posso ajudar?”, indagou. Depois de ajudá-la, perguntou se estava só de passagem. Ela respondeu que estava indo com o marido para o Colorado em busca de trabalho, e nossa irmã sugeriu:

“— Ora, por que não dão uma olhadela por aqui?”

“— Não saberíamos onde procurar”, — respondeu a mulher.

“— Bem”, — replicou nossa boa irmã, “— vou ajudá-los. Pegue seus mantimentos e venha comigo até em casa. Quem sabe posso apresentar seu marido a algumas pessoas capazes de ajudá-lo a arranjar um emprego.”

A irmã pegou o telefone, e dentro de uma hora ou duas, o homem estava a caminho de entrevistas para alguns empregos. Aceitou um deles — trabalhar, ajudando a administrar uma fazenda.

Bem, acham que essa boa irmã samaritana ficou nisso? Eu diria que não. A família de cinco não tinha onde ficar, e assim foram convidados a passar a noite na casa dela, onde presenciaram uma alegre vida familiar, a bênção dos alimentos, oração em família, de noite e pela manhã, e todo o resto. O casal e seus três filhos se mostraram gratos e interessados nessa irmã e sua família. Depois que se estabeleceram, ela queria mostrar-lhes por que eram como eram. Passada uma semana, ela levou missionários à casa deles — e a família foi batizada, mostrando-se ansiosa por entrar na Igreja. E durante todo o tempo, essa boa irmã e outros cuidaram da integração deles na comunidade.

Um dos aspectos mais difíceis da conversão é o sentimento do investigador de que está só, deixando seus velhos amigos e maneira de viver por algo novo. Todos os membros podem participar ativamente e não precisam sair de seu caminho para envolver-se — ajudando outros a encontrar a Igreja, encontrar novos amigos, levando investigadores do evangelho a programas sociais, reuniões, eventos esportivos — tudo coisas boas e salutares. Por outro lado, os investigadores geralmente temem a desagradável sensação de parecerem obviamente novatos e estranhos. Eis outra razão por que gosto de reunir famílias parcialmente membros em grupos compatíveis. Ensinando diversas pessoas juntas, possibilitamos novas amizades. Muitas coisas maravilhosas têm acontecido, quando um grupo de sinceras famílias parcialmente membro se reúne para aprender a respeito da religião do cônjuge — e à medida que conversam, aprendem, compartilham o que sentem, e o cônjuge membro presta testemunho apropriado, mesmo sobre a própria vida, o Espírito toca seus corações e os faz descobrir verdades maravilhosas. Funciona! Observo e ouço a respeito o tempo todo.

Como Facilitar o Trabalho Missionário

A Igreja possui excelentes programas que facilitam o trabalho missionário dos membros.

Estranho o que acontece a muitos de nós, quando ouvimos a frase “todo membro um missionário” (com ênfase em **todo**) e nos lembramos de que devemos não só “ampliar nosso passo” no trabalho missionário, como também apressá-lo.

Às vezes, compomos uma imagem mental de nossa pessoa trepada num caixote, rodeada de um mar de apupos e faces hostis, tentando futilmente realizar uma reunião em praça pública. Ou talvez nos imaginemos debatendo, sozinhos e indefesos, princípios do evangelho com um painel de ministros seculares, ou sendo rudemente repelidos ao bater de porta em porta com um punhado de folhetos, ou ainda abordando pessoas estranhas na rua. Ou nos vemos ofendendo nossos vizinhos com alguma atividade que nos faça parecer esquisitos ou arredios.

Imagens mentais como estas, sem dúvida, afastaram uma porção de nós do trabalho missionário seguidas vezes. Não é que duvidemos da veracidade da obra, ou que nossos profetas e presidentes da Igreja nas hajam pedido algo irracional ou impossível. Simplesmente somos tímidos, às vezes, encontrando dificuldade em compreender como fazê-lo individualmente. E quando nos sentimos pouco à vontade, outras atividades adquirem mais importância no preenchimento de nosso tempo, e assim deixamos escapar nossas oportunidades missionárias.

Mas não é assim que precisa ser, necessariamente. E, ainda melhor, não é assim que deve ser.

É bem verdade que todos devem participar ativamente do trabalho missionário; contudo, ele pode ser abordado de tantas maneiras diferentes quanto existem indivíduos, estilos pessoais, circunstâncias e inspiração. Viver o evangelho e ajudar a disseminá-lo, deve ser uma atividade agradável. E quando descobrimos o que a Igreja espera — que nem todos precisam ser evangelizadores agressivos — ser missionário não parecerá tão assustador. De súbito, comecemos a enxergar como nos envolver ativa e individualmente.

Seguem alguns dos programas surgidos naturalmente dos esforços missionários da Igreja. São umas poucas coisas que qualquer de nós pode fazer; eles tornam fácil todo membro ser um missionário. Estude-os. Talvez comece a compor uma imagem mental diferente de si mesmo como missionário — da maneira que mais lhe convém!

REALIZAR UMA NOITE FAMILIAR PARA NÃO-MEMBROS



Uma forma amigável de mostrar a outros o que, na verdade, é a vida mórmon.

De um modo geral, se uma pessoa vê a possibilidade de maior alegria em determinado estilo de vida, ela estará muito mais inclinada a escutar, do que se for abordada diretamente com pregações.

E nisto reside exatamente a força da noite familiar, quando usada como instrumento missionário. Sem avanços indevidos, você possibilita a seus bons amigos e vizinhos uma olhadela descompromissada em como o evangelho opera no seu lar, sem quaisquer ciladas ocultas. Você demonstra em vez de pregar.

A noite familiar para convidados não-membros, entretanto, raramente é eficaz, quando feita de improviso — um evento com o qual você está tentando óbvia e futilmente livrar-se do seu dever de missionário. Ela exige um pouco de preparação sensata. A idéia de convidar uma família não-membro para uma noite familiar especial deve nascer naturalmente da boa amizade e vontade de ensinar. Um esboço de tal abordagem poderia ser mais ou menos assim:

1. Decida com qual família ou famílias entre seus amigos e conhecidos você gostaria de aprofundar a amizade.

2. Procure conhecê-los melhor por meio de atividades conjuntas: piqueniques, passatempos ou talentos familiares — tudo de agradável que vocês têm em comum.

3. Quando chegar o momento apropriado (se você for sensível, saberá o momento certo), convide-os para uma noite familiar especial fora de segunda-feira.

4. É bem possível que se sigam outras atividades conjuntas; e com o tempo, a curiosidade deles sobre as coisas que promovem a felicidade da sua família poderá muito bem levar a numerosas oportunidades para apresentar-lhes o evangelho.

Este plano não exige nada além de sincera amizade e o desejo de compartilhar o que você possui de mais precioso. Isto é importante. Pois, caso seus motivos não sejam autênticos em todos os sentidos, você não terá êxito; seus esforços assumirão o caráter de manobras táticas. Artifícios, fingimento e pressão fracassam quase sempre no trabalho missionário familiar. Sejam naturais e usufruam cada minuto.

Que atividades se prestam melhor para a noite familiar especial com não-membros? Isto depende unicamente de seus interesses e dos interesses e modo de vida dos convidados. Você deve orar, ser sensível e inventivo — porém jamais artificial. Você poderia organizar apenas uma atividade social do tipo “conhecer-se melhor”. Ou um churrasco ao ar livre e brincadeiras apropriadas. Um filme ou filme estático para entretenimento poderá ser a coisa certa para começar; outro mais afeto ao evangelho poderia seguir-se mais tarde.

Certa organização é desejável, para que seus convidados percebam a diferença entre uma noite familiar planejada em sua casa e uma noite de convívio com todos espalhados pela sala assistindo à TV. Uma forma de programar a noite seria:

1. Primeira oração.
2. Canto recreativo.
3. Uma breve lição a respeito da honestidade ou serviço a outros; ou talvez um “show” de talentos ou debate.
4. Jogos.
5. Última oração.
6. Comemoração e bebidas.

Um ponto importante que deve ser focalizado é a harmonia familiar nessa reunião; é uma ocasião para se estar juntos numa atmosfera agradável e discutir relações familiares, responsabilidades familiares, problemas familiares, projetos familiares e coisas tais.

Essa noite familiar especial deve deixar óbvio aos convidados que o evangelho exerce um efeito singular sobre a família, que sua família é feliz de uma forma que seria impossível sem ele. Então, talvez, você pudesse presentear a família não-membro com um manual de noite familiar, para dar-lhes idéia de como começar a realização de suas próprias reuniões de noite familiar.

Quem você poderia de início preparar para um convite a uma noite familiar especial em sua casa? Eis um ponto emocionante. Existem mais possibilidades do que seus vizinhos do lado. Pense a respeito destes:

- Parentes não-membros.
- Colegas de trabalho.

Famílias conhecidas de seus filhos.

Famílias que se mudaram recentemente para a vizinhança.

Alguém que lhe fez perguntas a respeito da Igreja.

Alguém que compareceu a reuniões da Igreja.

Velhos amigos.

Pessoas que costumam visitar sua casa.

As possibilidades são praticamente ilimitadas.

Sua família é capaz; a família inteira pode “fazer missão”, começando a cultivar amizades, em preparação para uma noite familiar especial, onde poderá compartilhar com eles sua alegria, felicidade, paz e segurança proporcionadas pela vivência do evangelho.

ENVIAR O LIVRO DE MÓRMON EM MISSÃO



Como fazê-lo através do programa família-a-família.

Dois anos atrás, uma adolescente no sudeste da Ásia recebeu, por intermédio da Missão de Hong Kong, um exemplar do Livro de Mórmon. Dentro, trazia a foto de uma senhora da Cidade do Lago Salgado, junto com o testemunho a respeito da veracidade do Livro de Mórmon. A mocinha sentiu-se suficientemente impressionada para ler o livro todo.

Pouco tempo depois, a irmã da Cidade do Lago Salgado recebeu uma carta dessa garota, sua primeira missiva em inglês. Dizia que ela e mais nove familiares seus se haviam batizado na Igreja, e que outros dois ainda muito pequenos para o batismo se preparavam ansiosamente.

Este é apenas um exemplo entre milhares, de famílias convertidas ao evangelho através do programa do Livro de Mórmon família-a-família — programa que o Primeiro Quorum dos Setenta está agora recomendando a todos os quoruns de setentas da Igreja. Instruções sobre como deve funcionar foram incluídas na sessão departamental dos setentas das reuniões regionais de 1977.

O programa do Livro de Mórmon “família-a-família” baseia-se num simples fato sobejamente conhecido: o Livro de Mórmon é um poderoso instrumento missionário, capaz de converter pessoas ao evangelho, desde que o leiam.

Por isso é que uma das melhores e mais fáceis maneiras de trabalhar como missionário é presentear alguém com o Livro de Mórmon. E no caso do programa “família-a-família”, seria um exemplar “personalizado”, levando no interior da capa uma fotografia sua e de seus familiares, junto com o testemunho escrito.

Por que motivo exemplares personalizados?

Porque acontece que, quando uma pessoa pega um Livro de Mórmon, ela dá uma olhadela rápida e o põe de lado. Para ela é simplesmente mais um livro. Não sabendo nada a respeito previamente, ela não percebe que pode ser o livro mais importante que lerá em toda a vida.

Mas abrindo o livro e encontrando dentro dele a foto de uma família verdadeira, acompanhada de um testemunho escrito de que ele é real e que há de modificar sua vida, se o ler, o contato com o Livro de Mórmon é subitamente personalizado. Torna muito mais provável que o examine mais de perto e o leia — especialmente se a foto e o testemunho forem de alguém conhecido. Ela entra imediatamente em contato com um testemunho vivo, e isto muda sua atitude para com esse livro sagrado.

O propósito do programa do Livro de Mórmon “família-a-família”, portanto, é: (1) fazer com que famílias da Igreja enviem exemplares personalizados do Livro de Mórmon a pessoas conhecidas, ou fornecê-los a missionários para uso na busca de membros potenciais; e (2) incentivar os membros a manterem correspondência família-a-família com tais membros potenciais, como uma atividade de integração.

Eis como funciona. Primeiro, providencie uma fotografia de sua família, colando-a no alto de um

cartão em branco de 10 x 17 cm. Na parte inferior do cartão, escreva ou datilografe um testemunho redigido por você e seus familiares. A seguir, peça ao líder da missão da ala ou presidente dos setentas um cartão intitulado “23 Perguntas respondidas pelo Livro de Mórmon” e um “Cartão-Resposta” (Em disponibilidade no Departamento de Distribuição: “23 Perguntas”, cód. PFFS0104PO; “Cartão-Resposta”, cód. PFFS0090PO.) Essas três coisas serão inseridas na capa anterior do Livro de Mórmon que você quer presentear. É muito importante também que você inclua um envelope sobrescrito e uma folha de papel de carta; assim, a pessoa que receber o livro poderá escrever-lhe, iniciando uma correspondência.

Depois de preparados os livros, você poderá fazer uma porção de coisas. Poderá dá-los diretamente a seus amigos como parte de seu empenho de integração, para mais tarde apresentar os missionários no momento oportuno. Ou então entregá-los ao líder da missão da ala ou presidente dos setentas, para serem usados pelos missionários de tempo integral ou de estaca dentro de sua estaca ou distrito. Eles serão dados a amigos não-membros especificados por você ou, se você não fornecer nenhum nome, a outros investigadores que demonstrem interesse especial na mensagem do evangelho. As estacas de certa missão forneceram ao seu presidente vinte e seis mil Livros de Mórmon personalizados! Uma idéia particularmente boa é pedir a um membro da ala que fotografe todas as famílias interessadas, facilitando-lhes, assim, a obtenção de fotos.

Envolver a família inteira na redação do testemunho e sua transcrição nos cartões com a foto é uma excelente atividade de noite familiar. É uma das melhores maneiras de tornar realidade a frase “todo membro um missionário”. Posteriormente, quando começar a surgir correspondência dos novos contatos da família, pode-se dedicar uma noite familiar ocasional para responder as cartas — envolvendo novamente todos os familiares, em particular os adolescentes que em pouco tempo serão missionários de tempo integral, e crianças que se preparam para sê-lo, enquanto crescem. Tal contato com outras famílias pode exercer profundo impacto na sua família.

Uma professora da Primária fez seus alunos trazerem fotografias suas para a classe e ajudou-os a escreverem seu testemunho. Esses livros foram mandados para diversos pontos do mundo. Um deles foi parar na Holanda, nas mãos de uma garota de dez anos. Mais tarde, ela escreveu ao remetente, dizendo: “Querido Irmão Mike, agora sou membro da Igreja.” Ela e toda a sua família haviam-se batizado.

Bill Bradshaw, que dirige o programa do Livro de Mórmon “família-a-família”, no Centro de Visitantes da Praça do Templo, conta a respeito de um Livro de Mórmon personalizado recebido de um menino de sete anos: “Ele colocou dentro uma foto colorida de si próprio. Era ruivo e sardento; começou a escrever o testemunho no canto e terminou no outro. Dizia: ‘A quem interessar possa: Estou dando este Livro de Mórmon a você. Eu sei que ele é verdadeiro, porque meus pais leram para mim e disseram que é verdadeiro. E se tiver mais perguntas a respeito da Igreja, escreva para mim que eu responderei.’”

“Bem, certo dia apareceu um homem aqui, e ele leu o que estava escrito nele, seus olhos ficaram marejados e disse: ‘Eu daria qualquer coisa em troca deste livro.’”

O Espírito do Senhor procura persuadir as pessoas, quando você compartilha o Livro de Mórmon.

Noutro caso, um cientista não-membro passou a corresponder-se com conhecido cientista mórmon, em virtude de um contato por meio do Livro de Mórmon. Ele e toda a sua família se filiaram à Igreja.

Uma classe de seminário em Kearns, Utah, empreendeu um projeto e contribuiu com três mil e quinhentos exemplares personalizados do Livro de Mórmon.

Certo grupo de viúvas que costumava reunir-se semanalmente para a noite familiar, começou a enviar alguns exemplares personalizados. Logo passaram a receber numerosas cartas; elas responderam a todas como grupo de noite familiar e agora mantêm uma correspondência contínua.

E os exemplos gratificantes de sucesso continuam sem fim.

Será este o tipo certo de atividade missionária para você e sua família? Se achar que sim, o líder da missão de sua ala ou o presidente dos setentas poderá ajudá-lo a começar. Procure-o logo.

A LIAHONA COMO MISSIONÁRIO

As vezes, achamos que o trabalho de membro-missionário só serve para uma pessoa destemida, dinâmica, agressiva, gregária, perfeitamente à vontade abordando estranhos nas ruas, pregando a motoristas de táxi e dissertando dentro de um avião. Mas, e quanto a nós, almas tímidas e acanhadas que jamais levantam a mão na classe e ficam doentes só em pensar de fazer um discurso de dois minutos e meio? Sabemos que o trabalho missionário é uma séria obrigação; ainda assim, não temos autoconfiança suficiente para usar o método agressivo. Não existirá um meio missionário suave para começarmos, enquanto criamos coragem?

A resposta é: sim! Existe um método praticamente garantido de não ofender as pessoas. Na verdade, um de seus propósitos maiores é tornar bons amigos em amigos ainda melhores. Consiste na utilização de A LIAHONA de duas maneiras: (1) compartilhar ocasionalmente um número da revista, e (2) presentear com assinaturas.

Ambos os métodos de uso da revista apresentam vantagens comuns. Em primeiro lugar, A LIAHONA fornece ao membro em perspectiva uma visão exata e cativante do que poderá ser a sua vida na Igreja e como esta é orientada no sentido de ajudar na solução dos problemas vitais. Igualmente importante, to-

davia, é que lhe faculta dar uma “olhadela” na Igreja calmamente, recolhido na privacidade de seus próprios pensamentos, sem ninguém observando por sobre seu ombro, a dizer: “O que você acha? Está agora disposto a receber os missionários?”

Todos podem sentir-se à vontade com tal tipo de abordagem no empenho de “encontrar” investigadores, pois é um modo natural de compartilhar informes e crenças sem qualquer agressividade ou atrevimento indevido; ninguém se sentirá ameaçado. É uma das razões importantes por que a revista é recebida quase invariavelmente de boa vontade pelos amigos não-membros.

A maneira mais comum, provavelmente, de compartilhar um número da revista da Igreja é mostrar a alguém um artigo a respeito de algum assunto abordado nas conversas do dia-a-dia. A grande variedade de artigos e assuntos abordados nas revistas da Igreja facilita-lhe focalizar questões de interesse das pessoas com quem convive. Os números especiais da revista são particularmente proveitosos nesse aspecto.

Certo dia, meses atrás, um membro da Igreja estava conversando sobre religião com um colega de trabalho não-membro, o qual perguntou:

— Você quer dizer que vocês crêem de verdade em profecias atuais e um profeta vivo?

— Cremos, sim.

— Pois bem, o que ele profetizou ultimamente? — retrucou o tal homem.

É uma pergunta nem sempre fácil de responder, porque recebemos tantos conselhos de nossos líderes, que pode tornar-se difícil recordar um tópico específico no momento. Mas o membro disse:

— Bem, você poderá ler algumas coisas que ele nos falou recentemente, — e no dia seguinte, entregou-lhe um número especial de conferência da revista, além de outro que trazia uma mensagem da Primeira Presidência. Lendo as palavras do presidente da Igreja, aquele não-membro ficou profundamente impressionado.

Compartilhar o evangelho mês após mês

Presentear com assinaturas é tão simples como dar um exemplar avulso, e apresenta uma vantagem a mais: ajuda as pessoas a se familiarizarem com os ensinamentos da Igreja durante um período mais longo, enquanto você tem a importante oportunidade de acompanhar conversando ou correspondendo-se com elas, e ficar atento a sinais de interesse sincero.

Sempre se podem presentear assinaturas a membros da família que estejam longe de casa; aniversários, casamentos e outras datas especiais são boa ocasião para presentear amigos com a revista.

Dar assinaturas de presente quase sempre é uma decorrência natural de uma amizade que se aprofunda. Uma senhora contou sobre um amigo que respondia a todas as suas perguntas a respeito da Igreja com um ar de calmo e firme testemunho. Com a continuidade de suas indagações, ele começou a trazer-lhe livros para ler, principalmente quando não conseguia responder a alguma pergunta. Frequentemente um artigo da revista apresentava justamente a respos-

ta de que ela precisava; então ele lhe emprestava o exemplar. Diz ela: "Naturalmente eu acabava lendo a revista inteira, antes de devolvê-la. Parecia que quase todos os artigos me serviam. Havia bem poucos que não tocavam meu coração." Após algumas experiências positivas com a revista, ela sentiu-se lisonjeada, quando recebeu dele uma assinatura de presente.

Números da revista da Igreja no lar de não-membros ou de famílias compostas de membros e não-membros podem exercer grande impacto em horas de necessidade. Por exemplo, conta um missionário de estaca do Estado de Washington: "Fomos convidados a ensinar uma família de membros e não-membros. A



esposa não-membro, lendo um número especial do ENSIGN (revista da Igreja para adultos, em inglês), ficou profundamente impressionada com o que encontrou. Ela agora está recebendo as palestras para se batizar."

Como Fazer uma Assinatura-Presente

Se você for como os outros, deve ter diversos amigos que poderiam vir a interessar-se mais pela Igreja, se recebessem a sua revista em casa. Você pode dar-lhes uma assinatura anual: é um presente que serve para qualquer época do ano não só durante a campanha de renovação de assinaturas promovida por sua ala. Com a aproximação do Natal, agora pode ser a hora apropriada para lembrar-se daqueles que você deseja presentear dessa forma. O cupom especial que acompanha o presente número explica como fazer o pedido.

Você deve saber que o primeiro número da assinatura-presente conterà um cartão especial, informando aos beneficiários que o presente vem de você.

Assinaturas-presente podem exercer impacto duradouro, mesmo quando o recebedor não está interessado em filiar-se imediatamente à Igreja. Certo membro novo contou que foi batizado somente sete anos depois de receber as primeiras lições dos missionários. Durante todo esse tempo, seu único contato com a Igreja foram as revistas. Encontrou nelas, muitas vezes, quando se sentia desanimado, a força e orientação de que precisava.

"Eu não queria muito contato com a Igreja", disse, "porém sempre lia as revistas e aproveitava alguma coisa. Elas contribuíram bastante para me levar, finalmente, para a Igreja verdadeira".

LEVÁ-LOS À AULA DA ESCOLA DOMINICAL

**Ou reunião sacramental, ou
Sociedade de Socorro, ou Mutual,
ou festas ou . . . a tudo!**

A classe de Princípios do Evangelho é talhada precisamente para prover uma introdução agradável ao ensino do evangelho.

Em suas relações com não-membros interessados, muitas vezes chega o momento em que convidá-los para ir à Igreja com você parece o passo mais lógico e natural.

Quando isso acontece, provavelmente a primeira reunião para a qual você os convidará no primeiro domingo será a Escola Dominical, porque esta organização tem um curso especialmente destinado aos

que estão começando a aprender o evangelho — a classe de Essências do Evangelho.

Esta classe é o complemento da Escola Dominical ao trabalho missionário organizado, ajudando a iniciar a parte de “ensino” desse trabalho, onde termina a parte de “selecionar”.

Certo membro recente da Igreja conta como pode ser eficaz o curso de Princípios do Evangelho no esforço missionário:

“Eu costumava conversar sobre religião com um membro da Igreja que trabalhava na mesa ao lado; chegamos a um ponto em que eu lhe fazia perguntas toda vez que tínhamos uma folga. Ele mostrou-se muito paciente, e quando não sabia responder, trazia-me um livro ou revista.

“Aprendi uma porção de coisas diferentes sobre diversos assuntos, mas não sabia como juntar tudo aquilo, Ele sempre falava comigo de boa vontade, mas depois de algum tempo, eu como que não sabia mais o que perguntar, embora tivesse tantas perguntas. Era frustrador.

“Então, certo dia, ele propôs: — Ouça, por que não vem comigo à Igreja no próximo domingo? Temos uma classe de Escola Dominical que lhe dará uma boa visão daquilo em que cremos — muito melhor do que eu. Por que você não a frequenta algumas vezes? Se puder com isso ligar todos os conceitos, muito bem; se não conseguir, saberá pelo menos que tentou. Concorda?”

“Eu fui e realmente foi muito instrutivo. Sei que fiz um papelão durante as duas primeiras aulas, pois ficava exclamando coisas como: ‘Oh, sim, compreendo!’ e ‘Lógico que é assim!’, sem parar. Comecei a ver um plano na coisa toda — era maravilhoso. Acho que estava uns três ou quatro pulos à frente dos missionários, quando começaram a me ensinar.”

Além de ser um curso introdutório para membros novos da Igreja e um curso de recapitulação para membros recentemente reativados, Princípios do Evangelho é o curso para os investigadores — os que estão sendo instruídos pelos missionários e os simplesmente interessados em conhecer a Igreja.



É uma classe da Escola Dominical; entretanto, é coordenada com os setentas da ala ou ramo, o que faz com que haja uma ligação com o trabalho missionário organizado. Sempre que possível, o professor é um setenta.

Provavelmente, a melhor maneira de falar aos amigos sobre a classe de Princípios do Evangelho será explicar simplesmente que tipo de aula é, em comparação com outras classes da Escola Dominical para adultos. Explique que o currículo normal da Igreja para adultos, o curso de Doutrina do Evangelho, abrange todas as escrituras num ciclo de oito anos. Este ano, por exemplo, estaremos terminando a primeira metade do Livro de Mórmon e no próximo ano estudaremos a segunda. A seguir, virão dois anos de Doutrina & Convênios e História da Igreja; depois, a Pérola de Grande Valor e o Velho Testamento; em seguida, o Novo Testamento; depois, novamente o Livro de Mórmon. É um ciclo contínuo de aprendizagem do evangelho através das escrituras.

A classe de Princípios do Evangelho, entretanto, é diferente; é uma visão geral básica de todo o evangelho apresentada em doze aulas. Destina-se a fornecer às pessoas os pontos cardeais, antes de entrarem na caudal do estudo do evangelho. As lições são elaboradas de modo que não faça diferença em que ponto o investigador entra no ciclo. Ele poderá, por exemplo, receber as aulas de sete a doze, para continuar depois da primeira à sexta — qualquer seqüência mais conveniente, sem sentir-se perdido.

O plano de salvação é apresentado entrelaçado às lições. O investigador aprenderá a respeito da restauração do evangelho, através do Profeta Joseph Smith; um pouco sobre os templos e ordenanças do sacerdócio; muita coisa sobre o caráter eterno da família; e ainda a respeito das bênçãos da obediência. Aprenderá também sobre o testemunho e a maneira organizada da Igreja de cuidar das necessidades de seus membros.

Igualmente importante para a transição tranqüila de um membro em perspectiva para o viver SUD, ele aprenderá muitas coisas que lhe pouparão muitos problemas e possíveis embaraços. Aprenderá, por exemplo, numerosos termos absolutamente familiares aos membros antigos, mas que podem facilmente parecer intrigantes ao novato — termos como “bispos” e “sumo conselheiro”, ou expressões como “administração aos enfermos” e “ofertas de jejum”.

Aprenderá como a família se enquadra na organização da Igreja, e que unidade fundamental ela é. Aprenderá alguma coisa sobre a estruturação do sacerdócio e das organizações auxiliares.

Se você apresentar a classe de Princípios do Evangelho ao seu amigo como uma espécie de excursão dirigida pelo evangelho, que o ajudará a orientar-se num assunto de grande amplitude, ele provavelmente terá prazer em comparecer! Os que comparecem, podem esperar um excelente ensino, com clareza, testemunho e amizade.

Quando tiver oportunidade de convidar amigos não-membros para a Escola Dominical, verifique primeiro se o curso de Princípios do Evangelho está funcionando. Na maioria das alas e ramos, ele funciona continuamente; pode acontecer, porém, que

haja uma interrupção de uma ou duas semanas entre os ciclos de doze semanas. Você certamente acompanhará seus amigos à primeira aula, a fim de apresentá-los ao professor e companheiros de classe. Se você continua ou não a acompanhá-lo, depende unicamente das circunstâncias. Você terá que ser bastante perceptivo nesse ponto. Pode ser que sua presença iniba o amigo, impedindo-o de fazer as perguntas desejadas. Neste caso, siga seu próprio caminho por algum tempo, deixando-o calmamente dar uma olhadela na Igreja, sem qualquer pressão.

É provável, no entanto, que ele se sinta mais à vontade em sua companhia; nesse caso, convém que procure estar junto dele em todas as aulas.

Um senhor contou uma coincidência interessante na primeira vez que compareceu à classe de Princípios do Evangelho com um vizinho. “A princípio, senti emoções contraditórias a respeito”, contou. “Eu estava um tanto interessado em descobrir no que os mórmons acreditam, mas temia alguma observação sobre o fato de recender a cigarro. Sabia que os mórmons não querem nada com o fumo. Mas, chegando lá, não é que encontrei meu outro vizinho? Eu sabia que ele fumava havia anos, e também ostentava um ar encabulado. Mas quando me viu, abriu-se num sorriso rasgado, e formamos um par durante as aulas. Demo-nos muito bem com todos.”

E uma senhora relatou assim suas experiências na classe: “Acho que representei verdadeira frustração para minha vizinha, embora ela não dissesse nada. Assisti a oito aulas sem me sentir tocada por nada, sem achar nada digno de comprometer-me. Mas continuei indo com ela. Um domingo, contudo, chegando em casa, sentei-me para refletir durante algum tempo, e subitamente me dei conta de que havia aprendido bem mais do que pensara. Surpreendeu-me o quanto haviam mudado pouco a pouco meus pontos de vista acerca da vida, e quão esperançosas me pareciam agora as coisas. Ela ficou realmente surpresa, quando a chamei, dizendo: — Bem, e agora, o que devo fazer? A amiga apresentou-a aos missionários, e ela foi batizada poucas semanas mais tarde.

Quando você acompanha amigos não-membros à classe, pode ser convidado a participar e prestar testemunho. Porém, é muito importante que você não domine os debates e se deixe induzir a abordar pontos doutrinários obscuros que as lições não se destinam a cobrir. Comentários excessivos de sua parte impedirão seus amigos de aprenderem as coisas mais simples. Conforme disse certa vez o Elder Boyd K. Packer, é como “tentar ligar duas mangueiras, quando uma está com bastante pressão de água”. (Adress to Sunday School administrators, 7 de outubro de 1972.)

Quando surgirem oportunidades de convidar seus amigos para a Igreja, o ideal é levá-los à classe de Princípios do Evangelho. Ela se destina a prover aquele elo especial entre a curiosidade acerca do Evangelho e o início de um entendimento claro do que a Igreja oferece a seus membros. É uma das pontes à disposição do membro potencial em sua jornada para o melhor entendimento do Evangelho de Jesus Cristo.

Como Testificar

Stephen R. Covey



O Que É Um Testemunho?

Às vezes, fico assombrado pelo poder do testemunho. Afinal, são apenas mais umas poucas palavras do que diríamos normalmente a uma pessoa. O poder dessas palavras!

Eu estava falando aos missionários na Missão de Línguas, por exemplo, quando subitamente me senti influído a testificar o valor intrínseco de cada indivíduo ali presente, e que não há nenhuma necessidade de nos compararmos com outros, que o Senhor conhece e ama cada um de nós como pessoa distinta e concede orientação e poder especial para nos ajudar no próximo passo etc. etc. Posteriormente, diversos me pediram que repetisse exatamente o meu testemunho, quase como que desejando desesperadamente acreditar. Um deles achou-se quase dominado por um sentimento de alívio e alegria.

Recordo que muitas vezes, depois de pregar o evangelho a investigadores no campo missionário, ou a membros nas reuniões da Igreja, ou a consulentes no meu gabinete ou a estranhos num avião, senti-me impelido a testemunhar a realidade e o poder do Salvador; e ao fazê-lo, sentia-me como que um conduto de luz, amor e força. Embora na ocasião parecesse tão legítimo e normal, mais tarde muitas vezes eu me assombrava com o efeito miraculoso de uma pessoa prestar testemunho a outra através do Espírito. Os testemunhos de outros exercem um efeito semelhante em mim.

Por que prestar testemunho é tão poderoso, tão necessário? Por três razões, pelo menos. Primeiro, testificar é a mais pura forma da comunicação humana. Estamos transmitindo o mais profundo intento, a mais profunda convicção d'alma a outra pessoa, por intermédio do Santo Espírito. "Portanto, aquele que prega e aquele que recebe, se compreendem um ao outro. (D&C 50:22.) O Senhor quer que seus filhos ouçam e recebam verdades divinas, a fim de que possam viver de acordo e receber mais.

Segundo, prestar testemunho ajuda a nos sentirmos menos "estranhos aqui". Nós conhecíamos, sem dúvida, muitas verdades eternas antes de virmos para cá, e o "testemunho puro" adelgaça o véu o suficiente para lembrar-nos do conhecimento espiritual pré-mortal. Passamos a nos sentir, de certa forma "em casa".

O Presidente Joseph F. Smith ensinava: "Todas essas verdades evidentes, que nos vêm à mente e ao coração de modo tão poderoso, parecem ser o despertar das lembranças do espírito." E a seguir, perguntava: "É possível conhecermos algo aqui que não conhecíamos antes?" (Doutrina do Evangelho, p. 12.)

Terceiro, as pessoas anseiam por algo fixo e certo no universo; algo em que possam acreditar profundamente e confiar. Talvez isto seja mais verdade hoje que jamais antes, porque quase tudo no mundo está mudado, inclusive o próprio ritmo das mudanças, que se acelera continuamente. Precisa haver alguma verdade imutável! Do contrário, tendemos a adotar defesas, como o preconceito e o cinismo, para evitar a vulnerabilidade a todas essas forças volúveis que procuram atingir nossa vida.

O testemunho genuíno provê sua própria armadura, tornando tais defesas desnecessárias (estudem D&C 27:15-18) e, quando prestado é capaz de oferecer esperança ao ouvinte de que realmente existe algo de eterno.

Como Devemos Prestar Testemunho?

Existem provavelmente tantas respostas quanto há pessoas. Porém, certas idéias básicas talvez possuam um valor geral. Considere estas dez diretrizes.

1. **Prestar testemunho pelo e através do Espírito.** A escolha do momento oportuno é muitas vezes decisiva. Cultivar o dom do Espírito chamado discernimento, orando especificamente pelo espírito do testemunho e tendo uma mente aberta e receptiva, haveremos de saber quando e como prestar testemu-

no. É impróprio e até mesmo destrutivo prestar testemunho na ausência do Espírito, quando não se sente amor, quando o que ensinamos é vago e confuso, e quando nossa vida pessoal não se coaduna evidentemente com as nossas palavras.

“E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não deveis ensinar.” (D&C 42:14.)

Embora certamente contenha emoções, o testemunho é muito mais, e devemos-nos precaver contra a emoção imprópria e excessiva, pois pode ser egoísta e insincera. O testemunho confirma e arremata nosso ensinamento — não é um substituto.

Tampouco devemos exagerar o testemunho formal repetindo “eu sei”, “eu sei” a cada minuto. Isto também pode prejudicar o impacto.

Nós prestamos testemunho informalmente pelo tom convicto de nossa voz, quando explicamos princípios do evangelho e pela quantidade de respeito que demonstramos aos outros. (Considere João 13:34-35.)

2. Testificar quando se sentir cheio de amor. Demonstrar amor, quando se ensinam verdades do evangelho é, na realidade, uma forma de testemunho de per si. Muitas vezes, as pessoas não podem receber mais luz e verdade, exceto em caso de serem amadas de várias formas, incluindo ensino e testemunho, oração por e com elas, incentivo e afirmação, ênfase e compreensão, acompanhamento e sacrifício por elas. Muitos pais, professores e membros missionários que obedecem aos primeiros três requisitos mas não aos últimos dois, ficariam assombrados com o poder da soma dos cinco.

O emprego justo de autoridade provém do caráter, não da posição. Um testemunho vindo de pessoa com autoridade que usa de persuasão, bondade, mansuetude, amor não fingido etc., é muitas vezes mais poderoso e influente do que o testemunho de alguém que recorre à posição por falta de força interior.

Em minha opinião, o Presidente Kimball “pode ser” audaz e direto em suas palavras e testemunho, principalmente por serem seu amor, humildade e dedicação tão evidentes a todos.

3. Testificar às pessoas, não repreendê-las. O propósito é incentivar as pessoas, não condená-las. Mesmo quando, na história escriturística, o puro testemunho era prestado contra as almas do povo, o motivo supremo era chamá-los (sacudi-los) ao arrependimento e abençoá-los, não condená-los.

4. Ocasionalmente, quando movido pelo Espírito, testificar a respeito da identidade e valor da outra pessoa e de sua capacidade, com o auxílio do Senhor, de aceitar e seguir a verdade transmitida, como também do poder ou liberdade de escolher a obediência. Como presidente de missão, eu escrevia a todo recém-converso, solicitando uma carta dele contando o processo de conversão, incluindo os problemas e obstáculos que teve de enfrentar. Cerca de metade das respostas mostrava que, desde o princípio, eles jamais duvidaram da veracidade da mensagem. Duvidavam era de si mesmos. Duvidavam de seu valor ou de sua capacidade de viverem a verdade.

Porém, quando as pessoas se dão conta de sua identidade eterna, de seu potencial divino e de seu

arbitrio ou poder de escolher sua reação em quaisquer circunstâncias, algo de vital é revelado e liberto, tornando-os mais fortes. Quando testificamos a verdadeira identidade e valor de outra pessoa, isto lhe dá esperança e coragem.

5. Testificar conforme for inspirado sobre a origem do testemunho. O testemunho provém do Espírito Santo; é dado àquele que tem a mente aberta e inquisitiva, e que **procura ser fiel à verdade que já recebeu.** Muita gente retém a noção cultural de que o caminho para a verdade é intelectual, o que faz parte dele, mas certamente não a parte importante. As pessoas chegarão a conhecer a verdade à medida que são fiéis à verdade que possuem. Para encontrar a verdade, temos que começar sendo honestos. Lembro-me de haver ensinado muitas vezes pessoas que duvidavam da história de Joseph Smith. Elas tinham de fato problemas com o fumo ou chá (ou fosse qual fosse o problema que o espírito nos indicava.) Nós lhe dizíamos que, se vivessem a Palavra de Sabedoria, receberiam um tesouro oculto de conhecimento, incluindo o testemunho do chamado profético de Joseph Smith. “Não recebereis testemunho senão depois da prova de vossa fé.” (Éter 12:6.) Muitos deles reconheciam imediatamente o verdadeiro problema, mais tarde venciam o hábito e experimentavam o cumprimento da promessa.

6. Informar aos outros, ocasionalmente, quando sente o Espírito e percebe que também o sentem. Do contrário, muitos farão uma falsa idéia do que devem esperar e continuarão esperando algo mais dramático e místico, enquanto olham “para além do marco” (Jacó 4:14), desprezando a doçura, a harmonia e a calma paz tranqüilizante da voz suave e mansa.

“Meu amigo, o mesmo doce espírito de paz que ambos estamos sentindo neste momento é o mesmo espírito que você sentirá, quando ponderar piedosamente o Livro de Mórmon.”

7. Aprender a intercalar pausas quando se testifica, para dar aos outros tempo para pensar e sentir. Lembro-me de quando observei o Élder Boyd K. Packer ensinando seus missionários da Nova Inglaterra a diminuir o ritmo de suas apresentações e particularmente a intercalar pausas, quando testificavam, a fim de dar margem a que o Espírito operasse seu incomparável milagre de conversão. “Sejam calmos. Sejam convincentes. Fitem-nos nos olhos. Depois testifiquem.”

“Sossegai e sabei que eu sou Deus.” (D&C 101:16.)

8. Ao testificar, empregar palavras e expressões que possam ser entendidas pelos ouvintes. São tantos os obstáculos de comunicação criados desnecessariamente pelo vocabulário, corrente na Igreja mas incompreensível para os não-membros. (Por exemplo: “testemunho”, “sacramento”, “sacerdócio”, “noite familiar” e “ala” são palavras que poderão ser mal entendidas. Existem muitas outras ainda.) Assim como não hesitaríamos em aprender outro idioma, não devemos hesitar em nos limitar ao vocabulário dos outros, para comunicar o que queremos dizer.

O próprio Senhor é o modelo perfeito nesse aspecto. E seus profetas também. Disse Néfi: “Porque minha alma se deleita na clareza, pois é desta ma-

neira que o Senhor Deus faz suas obras entre os filhos dos homens. Porque o Senhor Deus dá luz ao entendimento e fala aos homens de acordo com o seu idioma, para que compreendam.” (2 Néfi 31:3.)

9. **Preparar-se para testificar.** Orar especificamente pelo espírito de testemunho. Orar para ter a coragem de prestá-lo. Humilhar-se em jejum e arrependimento. É instrutivo que a reunião mensal de testemunho seja precedida pelo jejum e pela renovação de nossos convênios. Além disso, prestar testemunho nessa reunião é mais que expressar apreço, por mais belo e apropriado que possa ser. Implica expressar uma certeza, declarar sua posição, externar as mais profundas convicções da alma nascidas do Espírito, de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que Joseph Smith e seus sucessores foram chamados como profetas, que a Igreja é dirigida por Jesus Cristo.

Nossa maneira de viver é nosso mais convincente testemunho, particularmente quando estamos sob pressão e ainda assim vivemos retamente. Com o passar do tempo, ela reflete nossa verdadeira fé. Se estiver em concordância com o que afirmamos

crer, o Senhor nos usará prestando testemunho, através de nossos atos, a todas as pessoas que encontrarmos.

10. **Testificar.** Testificar com frequência. Mensalmente. Semanalmente. Diariamente. Tanto formal como informalmente. Assim como o músculo se fortifica, quando exercitado, nossa capacidade de testificar crescerá, usando-a com sinceridade.

Bem poucos dos filhos de nosso Pai que estão nos céus possuem testemunho das preciosas verdades e poderes que são capazes de curar indivíduos, famílias e até mesmo nações. Se a influência levante desses poucos for debilitada por causa da impureza ou temor dos homens, como o Senhor há de fazer sua obra vital? “Se o sal for insípido, com que se há de salgar?” (Ver Mat 5:13.) “Mas com alguns não estou satisfeito, pois não abrem a sua boca, mas, por causa do temor dos homens, escondem o talento que lhes dei. Ai dos tais, pois contra eles está acesa a minha ira. E acontecerá que, se não forem mais fiéis a mim, deles será tirado até aquilo que têm.” (D&C 60:2-3.)

O TESTEMUNHO DELA LEVOU AO MEU

Jutta Slopek

Esta é a história da minha conversão. Não tive nenhum sonho maravilhoso, nem vi anjo algum. Porém, ouvi um forte testemunho prestado pelo poder do Espírito Santo. E ele modificou minha vida.

Axel, meu marido, era o único membro de sua família que não se filiara à Igreja anos antes. Nós fomos à Escola Dominical e a uma reunião de jejum e testemunho no ramo local, que me deixaram uma agradável impressão. Contudo, não me sentia inclinada a saber mais a respeito da Igreja.

A princípio, meu marido também não tinha nenhum interesse pela Igreja. Na verdade, procurava contradizer abertamente o pai. Mas após inúmeros debates e estudo sério de livros seculares bem como sagrados Axel chegou à conclusão de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estava de posse da verdade e da autoridade do Senhor. Então tentou convencer-me da importância desse conhecimento.

Não sei se foi seu súbito entusiasmo — que eu não conseguia compreender — ou meu temor de ver ameaçada minha vida cômoda, de qualquer forma neguei-me a escutar, quando tentou ensinar-me. Nosso relacionamento foi perturbado, chegando às vezes a discussões violentas.

Era essa nossa situação, quando certo dia recebemos a visita inesperada de meu sogro e minha cunhada. Eu tinha que fazer alguns trabalhos caseiros inadiáveis, e assim, enquanto Axel ficou na sala discutindo o evangelho com seu pai e irmã, eu me atarefava na cozinha. Minha cunhada entrou e ficou observando-me por alguns momentos. Então, quase de passagem, ela perguntou:

— Jutta, o que você acha da possibilidade de Axel se batizar?

— Ora, o que poderia eu dizer? — repliquei. — Acho que terei de estudar essas coisas seriamente, para, ao menos, saber do que se trata.

Mesmo ao dizê-lo, acho que não me dava conta realmente do que me estava obrigando. Então minha cunhada respondeu:

— Jutta, eu sei que essas coisas são verdadeiras...

E ela prestou testemunho da veracidade do evangelho e da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com tamanha convicção e amor, que me senti abalada.

Foi esse testemunho, prestado no momento oportuno e com as palavras certas, que me induziu a ouvir as palestras dos missionários poucas semanas depois. A princípio, eu continuava a não me sentir muito entusiasmada; ainda assim, para minha surpresa, eu cumpria de boa vontade cada designação. Li o Livro de Mórmon, aprendi a orar em voz alta. Vim a entender o plano de vida. Maravilho-me seguidamente com a simplicidade do evangelho. Recordo perfeitamente quão lógicos me pareceram os ensinamentos dos missionários.

E assim, obtive um testemunho da veracidade da Igreja. Como já disse, não me apareceu nenhum anjo; não houve sonhos maravilhosos, mas entendi claramente a mensagem trazida por Joseph Smith nestes últimos dias.

No dia 21 de janeiro de 1967, meu marido e eu fomos batizados. Hoje me dou conta de que, prestando seu testemunho, minha cunhada deu-me o impulso necessário que me levou a entender o evangelho. Desde aquela data, aprendi que um testemunho inspirado é capaz de muita coisa. Hoje posso testificar, juntamente com outros incontáveis santos, que o Senhor vive e que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a sua Igreja.



Wade Holmstead sempre teve, durante a vida inteira, sérios problemas de saúde. Mas parecia dispor de uma visão e entendimento fora do comum num garoto de onze anos. Quando chegou a época de entrevistar Wade para a graduação na Primária, ele estava pronto e bem preparado para se tornar diácono e um escoteiro. No final de nossa conversa, passamos a falar do trabalho missionário e seus planos futuros. Então, lembrei-me de al-

Todos Podem Fazer Trabalho Missionário

guns vizinhos seus que eram inativos. As crianças não vinham à Primária, e a presidente anterior da organização me informara que haviam tentado diversas abordagens, sem sucesso algum. Perguntei a Wade se ele gostaria de ser missionário e fazer o possível para ativar aquelas crianças. Ele concordou.

Na semana seguinte, a Primária estava prestes a começar, quando as tais crianças chegaram à capela. Fiquei abismada! Que milagre! Mais tarde, encontrando Wade no saguão, perguntei:

— Como consegui fazer com que viessem à Primária? Estou tão contente!

Encarando-me, admirado, ele respondeu:

— Não foi nada difícil, Irmã Haynia. Simplesmente os lembrei. Tudo o de que precisavam era de serem lembrados.

Karla Haynie, presidente da Primária.

Todo mundo pode fazer trabalho missionário. Gostaria de contar a vocês uma experiência minha. Um dia, bem na hora de começar minha aula de piano, minha professora me viu conversando com os missionários SUD. Depois de terminar a aula, ela ofereceu-me um copo de limonada e depois perguntou como é que eu conhecia os élderes. Contei-lhe que era mórmon.

Ela disse que os élderes haviam batido à sua porta tempos atrás, mas que não os deixara entrar. Perguntou-me se acreditávamos em Cristo. Disse-lhe que sim, e recitei a Primeira Regra de Fé. Contei também que Joseph Smith viu Jesus e o Pai Celestial no bosque e como ele veio a ser o primeiro profeta da Igreja.

A princípio, fiquei preocupado de estar tomando muito tempo dela, falando da Igreja, mas ela estava realmente interessada e me fez uma porção de perguntas. Desde aquele dia, conversamos sobre a Igreja quase que em todas as aulas. Na última, eu falei da Palavra de Sabedoria. Ela disse que achava uma coisa muito certa e que ajuda a conservar nossa saúde.

Eu me sinto bem falando do evangelho para a minha professora de piano. Ela é uma boa senhora e espero que algum dia se torne membro da Igreja.

Billy Brim





De Um Amigo Para Outro



William R. Bradford
do Primeiro Quorum dos Setenta.

Há não muito tempo, eu estava olhando pela janela da cozinha da casa da missão em Santiago, Chile. Dali eu podia ver uma enorme nogueira existente atrás da casa, debaixo da qual havia um grande monte de barro. No barro, estavam brincando dois garotinhos. Como tinha chovido recentemente, os meninos estavam tão sujos, que quase não era possível reconhecê-los. Quando me viram espiando pela janela, eles sorriram e então pude ver que eram meu filho Chris e seu amigo Davi. O rosto de Chris estava tão lambuzado de barro, que, quando sorria, seus dentes se destacavam como bolinhas de confeito em cima de um bolo de chocolate.

Mais tarde, quando estava na hora de entrar e de Davi ir para casa, mandei Chris subir para tomar banho. Gracejamos



Ilustrado por Craig Fetzer.

que seriam necessárias três banheiras cheias de água para lavá-lo. A primeira seria preciso esvaziar com uma pá; da segunda, tiraríamos a água barrenta aos baldes e talvez a terceira fosse possível drenar pelo esgoto.

Depois de Chris ficar de “molho” alguns minutos, fui

ajudá-lo a esfregar-se e ficar realmente limpo; enquanto isso, tivemos uma conversa séria que espero que jamais esquecerá.

Trabalhamos juntos esfregando uma das mãos até ficar bem limpa, e então ele a comparou com a que ainda estava suja.



— Puxa, pai, — disse ele, — como é bom ter mãos limpas.

Então eu expliquei a grande verdade que ele dissera, e falei:

— Quero que você saiba que não é a sujeira da terra que deixa as mãos das pessoas realmente sujas. Se um garoto rouba, se é mau para os amigos e os machuca de propósito, se

faz uma promessa aos pais e depois não cumpre, ou se é malcriado ou desobediente em outras coisas, isto deixa “sujeira” de verdade — do tipo que você não consegue lavar com água e sabão. É a espécie de sujeira que você leva consigo o tempo todo e, mesmo que os outros não possam vê-la,

você sabe que lá por dentro não está limpo.

Quero que todos os meus queridos amiguinhos saibam que existem diferentes tipos de sujeira; uma delas é a que fica nas mãos, quando se trabalha ou brinca. Esta a gente pode lavar com água. A outra vem de fazer coisas ruins, às vezes chamadas de pecado, que parece manchar o coração, mas pode ser “lavada” pelo arrependimento.

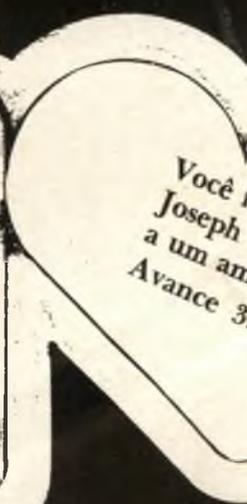
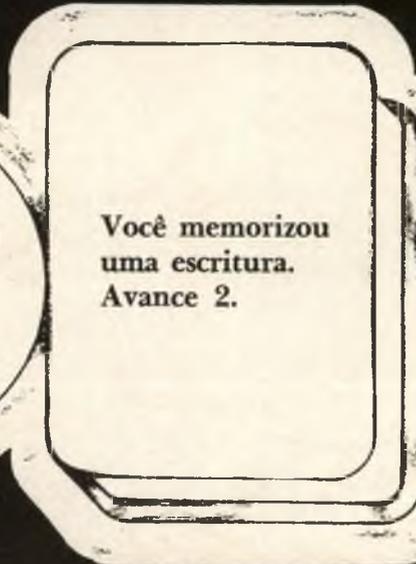
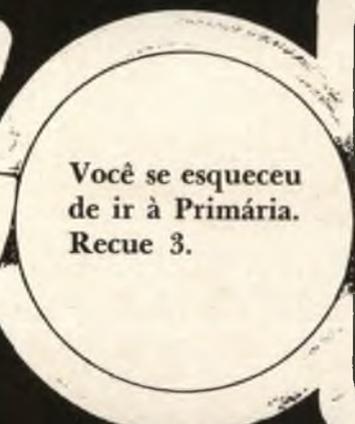
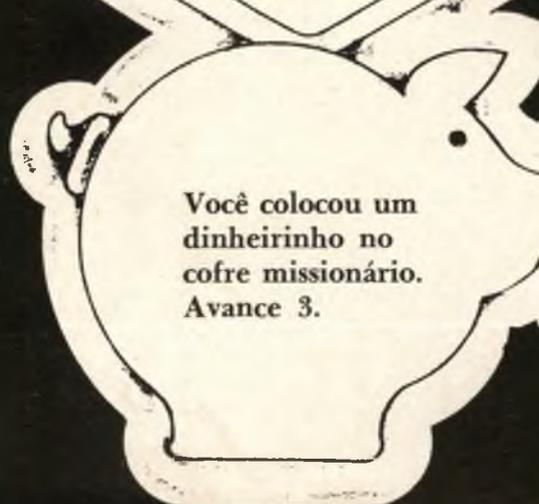
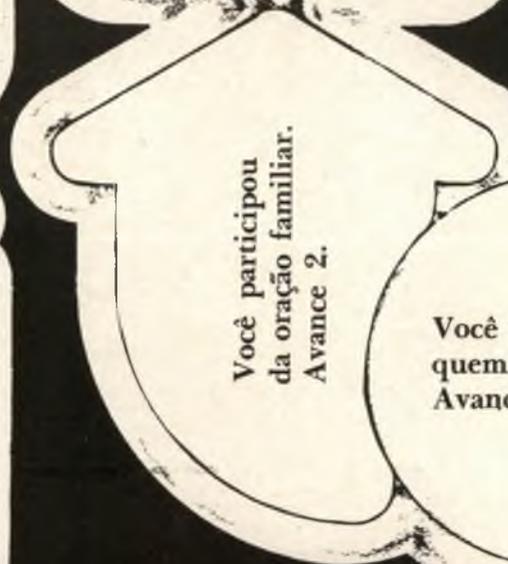
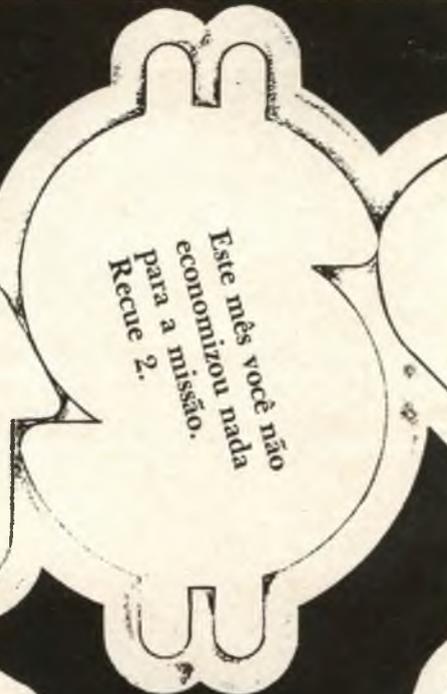
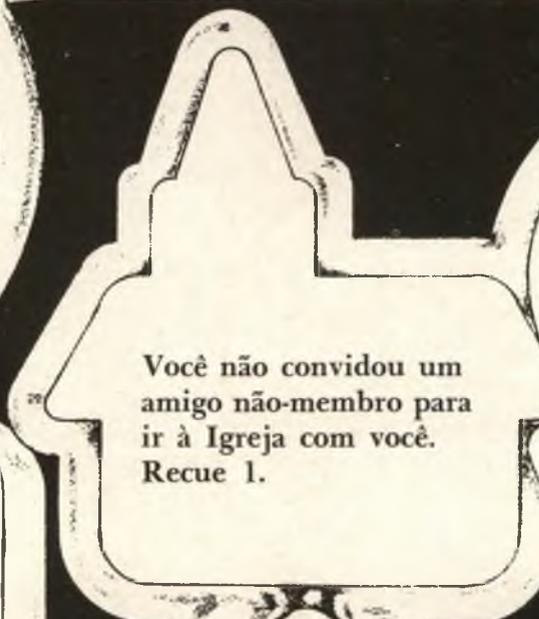
Primeiro a gente precisa fazer tudo o que pode para desfazer o mal que cometeu. Depois, pedir perdão ao Pai Celestial e aos outros, para que as mãos e o coração da gente sejam “lavados”, ficando limpos do mal feito.

O Salvador disse: “. . . não vos embarceis no pecado, mas que se conservem limpas as vossas mãos, até que venha o Senhor.” (D&C 88:86) Disse ainda aos que se arrependeram e estavam levando uma vida pura: “Eis que perdoados vos são os vossos pecados; sois limpos diante de mim; portanto, erguei as vossas cabeças e regozijai-vos.” (D&C 110:5.)

Espero que muitas vezes vocês sujem as mãos trabalhando e brincando, mas tenho a esperança de que durante a vida inteira de vocês, esta seja a única sujeira de que terão de se lavar, e não do tipo que mancha o coração pelo pecado ou desobediência. Desejo que Chris e todas as outras crianças se lembrem sempre de que, se escorregarem e caírem em pecado, vocês podem lavar-se e ficar limpos através do arrependimento sincero.

Como é bom ter mãos limpas e um coração puro!

Quero Ser Um MISSIONÁRIO



S: Cada jogador escolhe um botão
Recorte o círculo e coloque no fundo
Arranje outro botão para deixar
círculo.

Para jogar, cada jogador na sua vez, deixa
cair o botão, sobre o círculo, e avança o número
de espaços indicado. Continuem jogando,
cada um na sua vez. Vence quem chegar primeiro
ao círculo "VOCÊ É UM MISSIONÁRIO".

Ilustrado por
Parry Merkley.

Você fez
uma boa ação.
Avance 2.

Você se esqueceu
de orar pelos
missionários.
Recue 2.

Você assistiu ao batismo
de um amigo.
Avance 1.

**VOCÊ É
UM
MISSIONÁRIO!**

um pen-
sobre mis-
a Escola
. Avance 2.

Você desobedeceu
a seu professor.
Recue 2.

Você escreveu uma
carta a um missionário.
Avance 3.

Você cumprimentou
um coleguinha novo
na escola.
Avance 1.

Você se esqueceu
de levar seu amigo
à Primária.
Recue 3.

Você foi reverente
na reunião
sacramental.
Avance 1.

Você memorizou
uma Regra
de Fé.
Avance 2.

Eis nove coisas que você pode fazer para ser um melhor missionário:

1. Escolher um amiguinho não-membro na escola ou vizinhança.
2. Convidá-lo a aparecer em sua casa para se conhecerem melhor.
3. Convidar seu amigo para a Primária, Escola Dominical ou Reunião Sacramental.
4. Apresentar seu amigo a seus pais.
5. Pedir à mamãe que convide a mãe dele para a Sociedade de Socorro.
6. Dar a seu amigo um livro da Igreja ou uma assinatura da A Liahona.
7. Fazer com que familiares seus prestem testemunho a esse amigo (e família, se também vierem) durante a noite familiar para a qual foi convidado.
8. Perguntar se estão interessados em saber mais a respeito da Igreja.
9. Caso estejam interessados, dê-lhes um Livro de Mórmon e alguns folhetos, e comunique o interesse deles ao líder missionário de sua ala ou ramo.



Natalie Neal, 11 anos.

Uns quatro anos atrás, a família Niedzwiedz mudou-se para uma casa em frente à nossa. Não levou muito tempo e eu conhecia a família muito bem, principalmente a filha, Debbie, que se tornou minha melhor amiga.

Certo dia, há uns dois anos, levei Debbie à Primária. Depois, ela passou a ir comigo quase todas as semanas. Logo a mãe começou a fazer-me perguntas sobre a Igreja, quando eu ia brincar com Debbie. Às vezes, a família de Debbie ia à Escola Dominical conosco.

Faz uns dois meses, nós estávamos sentados em nossa classe da Primária quando, de repente, Debbie falou:

— Papai disse que nós vamos ser batizados este mês.

Quase desmaiei de tão contente. A família Niedzwiedz foi batizada, e agora eles são membros da Igreja.

Lori Lish

Nasci e fui criada na Inglaterra. Quando eu tinha dez anos, minha amiga Kathy me convidou para ir à Primária com ela. Fui por curiosidade e porque não tinha nada mais que fazer. Aquela primeira Primária foi um grande começo para mim. Depois disso, todas as quintas-feiras eu não via a hora de ir para a Primá-

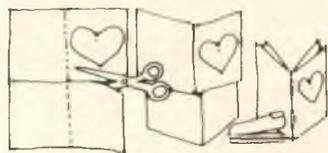
ria, a fim de aprender todas aquelas histórias maravilhosas sobre Jesus e cantar músicas alegres.

Com o tempo, fui começando a compreender os primeiros princípios do evangelho, e a minha própria igreja e Escola Dominical foram-se tornando menos importantes para mim. Logo chegou a hora de eu começar as aulas de confirmação na Igreja Anglicana, mas as lições ali me deixavam confusa. O que me confundia especialmente era que os bebês nasciam em pecado. Tendo uma irmãzinha recém-nascida, eu não conseguia compreender como é que ela já poderia haver pecado.

Contei à mamãe como é que eu me sentia e felizmente ela compreendeu e me deixou freqüentar a Escola Dominical com Kathy. Depois, os élderes começaram a aparecer lá em casa; logo mamãe e eu iniciamos as palestras. Mamãe não conseguiu aceitar o evangelho, mas me deu permissão para ser batizada.

Fui batizada uma semana depois de completar treze anos. Que maravilhoso presente de aniversário ser batizada e receber o dom do Espírito Santo. Serei eternamente grata à minha maravilhosa amiga Kathy e à Primária onde comecei a aprender sobre a Igreja.

Sandy Tandy



INSTRUÇÕES PARA MEU DIÁRIO MISSIONÁRIO

Para montar o diário missionário, remova a folha da revista. Corte-a ao meio, horizontalmente. Coloque a página-título por cima da metade de baixo. Dobre ao meio verticalmente e grampeie ao longo da dobra. Agora está pronto para você começar a escrever seu diário missionário.



“Todo membro um missionário . . .”



“ . . . Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas! . . .”

— Romanos 10:15.



Se meu amigo(a) mostrar interesse, eu vou:

1. Orar.
2. Convidá-lo(a) para vir à minha casa e participar de outras atividades divertidas.
3. Levá-lo(a) às reuniões da Igreja.
4. Dizer-lhe como me sinto a respeito dela.
5. Sugerir ao papai ou nosso mestre familiar que talvez a família de meu amigo(a) esteja interessada em receber os missionários.

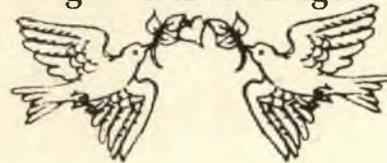
Outras coisas que eu poderia fazer:



Vou pensar em cada um de meus amigos. Depois, escolherei um para ser missionário dele. Vou orar e perguntar ao Pai Celestial se escolhi o certo. Se tiver uma sensação positiva, continuarei cuidando dele. Caso sentir que escolhi mal, escolherei outro amigo.

O amigo que escolhi é

O que posso fazer para integrar o meu amigo.



1. Convidá-lo para jantar, a fim de que ele sinta a alegria da oração familiar em torno da mesa de refeições.
2. Convidá-lo para as festinhas e programas especiais da ala.
3. Compartilhar uma noite familiar com ele.
4. Levá-lo a um piquenique da família.
5. Convidá-lo para ir comigo à Primária e Escola Dominical.

Outras coisas que eu poderia fazer:

Através de Um Homem, Uma Nação

Elder Emilio O. Vergelli
Missão da Argentina-Buenos Aires-Sul

Há uns quarenta anos passados, numa cidade perto de Córdoba, Argentina, dois jovens missionários pregaram o evangelho a uma mulher, mãe de cinco filhos. A situação financeira da família não era muito boa, mas o Senhor ajudou aquela mulher a sustentar as crianças. O filho mais novo escutava atentamente as palavras dos missionários, gravando-as em seu coração. O menino cresceu, e igualmente seu testemunho. Mais tarde, ele formou um lar com uma mulher virtuosa, teve filhos e ocupou diversos cargos na Igreja — serviu como bispo e presentemente faz parte do sumo conselho da estaca no local onde reside. Um de seus maiores desejos na vida era que seus filhos fossem missionários e ensinassem as verdades eternas àqueles que as quisessem receber.

Muitos de seus desejos foram concedidos. O homem de quem falo é meu pai, e atualmente estou cumprindo uma missão de tempo integral. Quem me lê, provavelmente está imaginando por que escrevo esta história. Gostaria de explicar.

Uns dois meses atrás, meu companheiro e eu estávamos trabalhando na cidade de Tandil. Estávamos para voltar para casa ao fim de um dia de trabalho, quando me senti impelido a bater novamente nas casas nas quais não encontráramos ninguém. Ao fazê-lo, fomos atendidos por uma senhora. Percebendo quem éramos e sem nos dar tempo de apresentarmos, ela falou:

— Vocês são mórmons, não são? Até que enfim apareceram. Estou esperando há quase um ano.

Para nosso assombro, contou-nos que havia escrito para determinado endereço (que, conforme lhe explicamos, estava errado), solicitando a visita de missionários, sem receber resposta. Disse que não morava na casa onde a encontramos, estava apenas de visita, e que gostaria de saber mais a respeito da Igreja, se estivéssemos dispostos a ir à casa dela. Combinamos a visita e partimos.

Numa fria manhã de outono, fomos de bicicleta ao endereço indicado. Lá chegando, encontramos esperando por nós a Sra. Garcia e seus três filhos. Após cumprimentá-los, entramos na modesta casa e começamos a dar a primeira palestra. A sala era espaçosa e um pouco fria, mas diante de nós, estavam a mulher e as três crianças escutando atentamente. Talvez nossa explicação não fosse brilhante, mas o Senhor nos abençoou com o seu Espírito.

Quando terminamos a palestra, partimos. E a caminho de casa, meu companheiro e eu sentimos que aquela família estava pronta para receber o evangelho.

Ao voltarmos na semana seguinte, a Sra. Garcia nos contou que o filho mais velho, Alberto, de dez anos, dissera-lhe que desejava ser missionário. Olhando para o menino, meu companheiro e eu pudemos sentir que o Salvador colocara aquela família em nossas mãos, para que compartilhássemos com ela o nosso tesouro eterno. Durante a terceira palestra, influenciado pelo Espírito do Senhor, meu companheiro os convidou a batizar-se. A Sra. Garcia aceitou o convite com lágrimas nos olhos, agarrando a mão do filho maior, dizendo saber que o que ensináramos era de Deus e que era por isso que ela e as crianças haviam esperado a vida inteira.

Terminamos as palestras e, finalmente, chegou o tão esperado dia em que a Sra. Garcia e seu filho Alberto foram batizados. Eu tive o privilégio de fazer o batismo. Nunca senti tanta alegria em meu coração ou tamanho agradecimento ao Senhor em poder trabalhar na sua obra. Ao imergir o pequeno Alberto na água, imaginei como seria ele como moço, ensinando a outros as verdades eternas que acabara de receber.

Mais tarde, naquele mesmo dia, no silêncio de meu quarto, agradei ao Pai Celestial a bênção de minha avó, que aceitara o evangelho exatamente como a Irmã Garcia. Agradei-lhe por meu pai haver-se mantido fiel ao evangelho e ter-me dado o privilégio de nascer na Igreja. Agradei ainda ao Senhor por ser um mensageiro da sua palavra nessa época de minha vida.

Não sei quantas pessoas mais o Senhor me permitirá ensinar; mas, quando penso nos muitos corações à nossa espera para aceitar a nossa mensagem, minha alma rejubila, de modo impossível de ser descrito. Penso também naqueles que o pequeno Alberto encontrará, quando for missionário e nos que serão convertidos por seu testemunho e ensinamentos. Estes, por sua vez, levarão as boas novas a outros. E seus filhos, tendo sido convertidos, talvez também se façam missionários. Então, ocorre-me a pergunta: “Será possível saber quantos serão ‘convertidos’ quando se batiza uma única pessoa?”

Alguém disse certa vez: “Podemos contar as sementes de uma maçã, mas nunca saber quantas maçãs produzirá uma semente.” Agora entendo o sentido dessas sábias palavras.

Sei que a responsabilidade com que arca um missionário é enorme. Mas sei também que não existe bênção maior na vida de um jovem SUD, do que dedicar dois anos de sua vida ao trabalho de Deus e ver a influência do Senhor operando diante de seus próprios olhos. Que privilégio maravilhoso poder chamar homens ao arrependimento!

Uma nação inteira poderá ser convertida por um só homem; e pregando a uns poucos, jamais poderemos saber quantos serão capazes de encontrar as palavras salvadoras do evangelho.

Lembro-me de certa vez, quando explicamos numa conferência de distrito na Holanda o lema “todo membro um missionário” e uma irmã me procurou, chorando e dizendo: — Como posso ser uma missionária, se não sei como ensinar investigadores?

Nós não explicáramos claramente, e ela não havia entendido que a única coisa que deveria fazer era servir de ligação entre os investigadores e missionários, promovendo seu encontro. Não admira que estivesse assustada.

Muitos outros membros, acho, sentiram o mesmo temor. O Senhor não nos quer assustar. Quer que sejamos felizes e compartilhemos nossa felicidade. O espírito missionário é o espírito do Senhor — é simplesmente isto.

Tenho conversado com muitos membros sinceros que não sabem como fazer o trabalho missionário, mas gostariam de fazê-lo. Como podemos obter esse espírito missionário? Penso que são quatro passos:

1. Converter-se ao evangelho. Nós não podemos “confirmar” nossos irmãos, sem antes cumprir o mandamento do Salvador de primeiro nos convertermos. (Ver Lucas 22:32.) Isto implica no mesmo processo que para os investigadores: estudar, orar, vir para a Igreja a fim de compartilhar do espírito.

2. Quando temos um testemunho, o próximo passo é obedecer às leis da Igreja; o Senhor não pode conceder o espírito missionário a alguém desobediente. Isto não quer dizer que precisamos ser perfeitos — significa basicamente sermos dignos de receber uma recomendação para o templo. Pessoas têm-me falado a respeito de sair de reuniões em que foram incentivadas a fazer trabalho missionário, sentindo no íntimo: “Não posso ser missionário e prestar testemunho a outros, porque não sou honesto comigo mesmo.

Eu fumo.” — ou talvez seja não pagar o dízimo ou ser áspero com familiares, que causa o problema.

3. Devemos orar diariamente pelo espírito do trabalho missionário. Não podemos dar suficiente ênfase a isto, visto que é impossível obter um testemunho do trabalho missionário sem pedir; como também é impossível **fazer** o trabalho missionário sem o auxílio do Espírito.

4. Depois, devemos atentar para o espírito de discernimento, enquanto cuidamos de nossos afazeres diários; e ele nos dirá com quem falar, que tipo de pessoa ele é, e como abordá-lo. Tenho sido obrigado a viajar bastante devido aos negócios e agora para a Igreja, por isso desenvolvi a filosofia do “ensino momentâneo”. Ele serve para quando estamos na fila de selos do correio, na parada do ônibus, na loja. O programa de integração familiar permite uma abordagem diferente, visto que dispomos de tempo suficiente para criar relações mais íntimas com os outros. O “ensino momentâneo” serve para trabalhar com estranhos.

Sabemos que há tantos pensamentos quanto homens, e para atingir alguém, é preciso saber como ele pensa. Como o Espírito Santo já sabe, presto meu testemunho de que orar pedindo ajuda e depois escutar atentamente é o melhor meio de saber como abordar cada pessoa. Eis algumas maneiras de falar sobre o evangelho que descobrimos pela experiência:

1. A pessoa afável. Ela fica encantada em saber que você é mórmon. Costumava ouvir as transmissões do Coro do Tabernáculo por muitos anos. “Que orador maravilhoso era aquele narrador, Richard Evans!” E em poucos minutos, ela sorri cordialmente, pede licença e se despede. Como proceder? Uma das coisas que podemos tentar é prestar testemunho a respeito da circunstância singular que provocou nosso encon-

O Espírito Missionário

Elder Jacob de Jager



tro, testificando que o Senhor tem uma mensagem importante para ela a respeito da Igreja, e conseguir seu nome e endereço para os missionários. Nós não temos a responsabilidade de ensiná-la, unicamente de fazer a ligação com os missionários.

2. A pessoa animada, tagarela. Está tão ansiosa por conversar com você, que falará de qualquer coisa — família, passatempos, negócios etc. — e é difícil de ater-se a um assunto por muito tempo. Como proceder? O Espírito do Senhor lhe indicará os pontos onde o que ela diz poderá conduzir a uma conversa sobre o evangelho, particularmente tratando-se de algo que a interesse. Lembro-me de um homem falando sobre dedicar tempo aos filhos quando pequenos. Eu disse: — Ora, isto é ótimo! É exatamente o que ensinamos na nossa Igreja, — e passei a falar sobre o programa de noite familiar.

3. A pessoa impaciente. Ela interrompe seguidamente, diz que está interessada e depois que não. Faz perguntas sobre tópicos controversos e quer saber de que lado você está, na qualidade de mórmon. Muitos membros entram em pânico por não estarem preparados para responder a tais perguntas — mas não é preciso responder a elas. Neutralizamos sua inquietude, indagando se os missionários poderão visitá-la, a fim de explicar nossa crença quanto ao propósito da vida, respondendo, assim, às suas indagações.

4. Um quarto tipo que encontramos frequentemente é a pessoa indecisa, que vacila entre gostar de sua abordagem amigável e o medo de comprometer-se a um futuro contato. Descobrimos que, se lhe apresentarmos várias alternativas para escolher, ela se retrairá. Uma abordagem proveitosa é testemunhar, com toda firmeza, que o trabalho missionário faz parte do plano de nosso Pai Celestial para a salvação de todos os seus filhos, assegurando-lhe que não precisa tomar uma decisão imediata, quanto a aceitar a mensagem, e convidando-a a informar-se melhor com os missionários.

5. Um quinto tipo que encontramos muitas vezes é a pessoa deliberadamente ponderada, que espera maiores explicações, antes de dar sua opinião. Frequentemente quer saber por que lhe contamos essas coisas e qual nosso proveito fazendo-o. Descobrimos que ir diretamente às escrituras, citando-lhe nossas passagens prediletas e pedindo-lhe que reflita seriamente a respeito do que significam, é algo que prende sua atenção. A idéia de conhecer os missionários para uma discussão séria lhe agrada igualmente.

6. A pessoa calada, reticente. Fica sentada de braços cruzados, expressão impassível, apenas escutando. Descobrimos que, muitas vezes, são mais interessadas do que aparentam, e que a combinação de respeito por elas e autodisciplina é a mais proveitosa. Às vezes, temos tanta ânsia de falar sobre o evangelho, que falamos demais. Minha esposa e eu aprendemos a orar intimamente, fazer uma pergunta ponderada sobre o princípio do evangelho que estamos discutindo, e **esperar** a resposta. Se aguardarmos que compartilhem alguma coisa, é mais provável que confiem em nós.

7. A pessoa amigável, porém inacessível. Este é o tipo de pessoa que eu era. Lembro-me de haver

dito aos missionários: — Estou muito impressionado com o que vocês fazem; acho maravilhoso, mas não tenho vontade de mudar. Possuo um bom emprego, um carro, um lar, uma esposa encantadora e filhos excelentes. Sou perfeitamente feliz.

Eles então pediram que eu pensasse na hora da morte, quando perderia tudo isso. Como sabem, eis um tópico chocante. Eu não havia refletido muito sobre isso, assim como a maioria das pessoas. Tive que concordar que havia outras coisas.

Mas eu continuava não querendo deixar os amigos e desistir do que julgava ser as coisas boas da vida. Felizmente, o Senhor me abençoara com uma companheira para ajudar-me nas coisas mais importantes. Ela teve testemunho desde o princípio, e não queria batizar-se sem mim. Isto me fez pensar realmente sobre o que era importante para mim e o que era importante para nós dois juntos. Uma vez pensando além do salário e segurança, eu soube o que queria.

8. Um tipo diferente é a pessoa preconceituosa que diz: — Oh, então é um mórmon. Sei tudo a respeito de vocês. Poligamia. Você é forçado a pagar um décimo de seus proventos para a Igreja. Mandam americanos para pregarem aqui, em vez de mantê-los em casa, onde vocês têm tantos problemas.

O que tem funcionado conosco é indagar, amigavelmente, quais foram suas fontes de informação e dizer algo como: — Como mórmon, estou interessado em algumas dessas opiniões; mas entendo, baseado em sua informação, como chegou a elas. Os missionários poderão procurá-lo, a fim de explicar-lhe a Igreja, para que possa interpretar seus ensinamentos num contexto mais amplo?

9. A pessoa ávida. Ela tem orado em busca da verdade, e basta testificarmos, que nós a temos. Em geral, estará mais que disposta a receber os missionários. Naturalmente este tipo de pessoa é bem mais rara que as anteriores.

É certo que, muitas vezes, apenas lançamos uma semente; talvez nunca cheguemos a saber, nesta vida, se germinou e frutificou. Na minha volta de uma recente conferência de militares, por exemplo, eu ia de avião de Baguio para Manila, nas Filipinas, e fiquei retido no aeroporto. Duas senhoras francesas que não falavam inglês, se viram perdidas ali, por isso as abordei, perguntando em seu idioma: “— Para onde vão? Qual é o seu destino?” Como era idêntico ao meu, Manila, ficamos conversando, enquanto aguardávamos o avião. Elas, naturalmente, quiseram saber o motivo de minha viagem, e assim passei a falar a respeito da Igreja — não sobre o reino celestial e o Anjo Morôni mas sobre como o evangelho nos ensina a ser pacientes em condições adversas e por que o evangelho me fazia feliz. Dei-lhes meu cartão e sugeri que entrassem em contato com os missionários, mas não tenho meio algum de saber o que será daquela semente.

De certa forma, não importa e não preciso saber — minha felicidade provém de eu falar sobre o evangelho e de sentir o Espírito do Senhor me ajudando. E essa felicidade é algo que posso sentir a cada dia, basta eu pedir.

O Trabalho Missionário

Começa em Casa:

Como Ajudar os Não Membros da Própria Família

Ernest Eberhard Jr.

Parece que nós, membros da Igreja casados com não-membros, voltamos sempre à mesma questão básica: O que devo fazer para levar meu cônjuge a interessar-se pela Igreja? Achamos que, se ao menos conseguíssemos a resposta — a resposta certa — nossa vida se modificaria.

Contudo, primeiro devemos fazer a nós próprios certas perguntas.

A pergunta inicial, crucial, é: — **Por que** meu cônjuge não se interessa pelo modo de viver do evangelho? Esta questão é importante, porque o sucesso do tratamento depende do acerto do diagnóstico. Esse diagnóstico deverá ser feito com paciência, com tempo, com oração e a fundo. O tempo é insubstituível para nos dar perspectiva e visão. Se você tiver um amigo ou oficial da Igreja em quem confia, poderá discutir o assunto com ele, para tentar determinar as necessidades espirituais de seu cônjuge. De qualquer forma, após maduro exame e depois de o Santo Espírito confirmar o acerto de sua avaliação, você estará pronto para ajudar seu cônjuge a enxergar melhor o que o evangelho poderá significar em sua vida.

Eis algumas outras questões que você poderia considerar: A Igreja interferiria no seu lazer? Ele teme perder seus amigos? Tem hábitos que ele acha não conseguir deixar? Teve alguma experiência negativa com membros da Igreja? Ele conhece tão pouco a respeito da doutrina ou práticas da Igreja, que se sentiria embaraçado ou aborrecido numa reunião? Existem ainda muitas questões eventuais, mas estas servem para começar. Volto a salientar, você precisa determinar o que falta e o que se pode fazer para criar uma necessidade espiritual, um desejo pelo modo de vida do evangelho.

Depois de determinar definitivamente quais as necessidades de seu cônjuge, ponha-as por escrito, para que você possa traçar um plano de ação através de prece, meditação, leitura e aconselhamento. Tem sido dito com razão que uma meta não escrita, geralmente se reduz a um mero desejo. Você precisa fazer a sua parte.

“Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo.” (D&C 9:8.)

Agora, quanto ao plano: Seja paciente na execução de seu programa. Seja o que for que fizer, faça-o gradualmente, passo a passo. Qualquer pressão deve ser reduzida ao mínimo. Os padrões de personalidade e caráter nos seres humanos são tão persistentes, que você precisa ser paciente e empregar a abordagem gradual. Posso garantir que procurar remover apressadamente quaisquer fatores que impedem a mudança, provoca ondas de choque emocional que criam mais tensão e perturbações, do que a maioria das pessoas consegue remover.

Os laços emotivos que unem os casais são extremamente fortes. Tais laços de amor vingam numa atmosfera de respeito e aceitação mútua como pessoas de valor. Pedir um cônjuge ao outro que modifique os traços de personalidade e caráter que a Igreja possa exigir pode criar sentimentos de ressentimento e menosprezo. O temor de ofender ou magoar o cônjuge, pedindo-lhe que faça tais mudanças, é um dos maiores obstáculos à conversão dele ao evangelho. Examinemos uma circunstância ilustrativa de tal reação.

Henrique havia-se casado com uma moça SUD, cuja família sentia orgulho de seus serviços e lealdade à Igreja. Toda vez que Henrique encontrava os sogros, percebia que eles se sentiam desapontados com a filha por haver desposado um não-membro. Com o passar do tempo, ele tornou-se cada vez mais defensivo. Passou a não comparecer a reuniões tradicionais da família. Gradualmente, começou a descobrir defeitos e falhas nos familiares de Maria, chegando mesmo a demonstrar certo ressentimento para com a esposa.

Sendo uma moça sensível e perceptiva, Maria logo descobriu o que estava acontecendo. Ela amava o marido; ele era um esposo fiel e dedicado; e ela

sentia que, em algum tempo, ele havia de filiar-se à Igreja e tornar-se membro fiel. Quando Henrique, certa feita, teve de ausentar-se da cidade por ocasião de uma festa de aniversário, ela entrou em ação. Levantou a questão para debate e implorou à família que aceitasse seu marido como homem honrado que era, como um filho de Deus que não tivera oportunidade de aprender a respeito do plano do evangelho e dele participar. Sugeriu que se ativessem aos pontos fortes de seu caráter e personalidade. A família concordou em demonstrar-lhe calor, aceitação e apreço.

A reação de Henrique foi extremamente gratificante. Sentindo-se aceito, começou a aproximar-se da família de sua esposa e a entrosar cada vez mais sua vida com eles. Eventualmente justificou a confiança de sua mulher, tornando-se um membro ativo da Igreja.

Os princípios do evangelho são mais facilmente aceitos, quando você os apresenta num clima de amor e interesse. A caridade — o puro amor de Cristo — é o solvente universal de atitudes e crenças empedernidas. Amor genuíno promove o cuidado e respeito pelos outros em nossas atividades e convivência diária com eles. Deve-se fazer todo esforço para irradiar confiança e fé no sucesso do marido ou mulher dentro do casamento. Esposas e maridos devem fazer o possível para ajudar-se mutuamente a cumprirem seu papel estipulado por Deus. Elogios, palavras de incentivo, reconhecimento de progresso, por menor que seja, são instrumentos poderosos para unir os cônjuges em sua perspectiva religiosa da vida. É particularmente importante ajudar o pai a ser o líder no conselho familiar, nas noites familiares, nas atividades recreativas e de férias. Todos esses esforços e ajustamentos promovem amor, largueza de visão e o desejo de uma unidade familiar eterna.

Não posso repetir vezes demais esta verdade — atitudes e crenças baseiam-se em como a pessoa se sente a respeito da vida. Se conseguirmos fazer as pessoas sentirem que somos sensíveis a elas, preocupados com seu bem-estar e apoiamos seus esforços de serem pessoas de valor, elas se sentirão bem mais inclinadas a abrirem seu coração ao nosso empenho de ajudar a torná-las ainda mais felizes com o evangelho.

Durante meu tempo de presidente de missão, perguntei a centenas de conversos por que se filiaram à Igreja. Inúmeras vezes a resposta foi: “Bem, eu tinha lá um amigo.” Não-membros geralmente aceitam o evangelho, porque se sentiram aceitos pelos que já o haviam abraçado. As pessoas costumam ser convertidas a pessoas antes de serem convertidas a princípios. Conforme indiquei antes, a primeira conversão deve ser ao cônjuge. Depois, segue a necessidade de um novo círculo de amizades dentro do aprisco da Igreja. Até que reconhecemos esta verdade primordial da natureza humana, encontraremos sérios obstáculos em nossos esforços — as pessoas acham **muito difícil** ficar sem um círculo de amigos.

Seu auxílio na formação de um novo círculo de amigos deve ser prestado gradualmente e em base

pessoal, pelo menos a princípio. Grupos grandes podem fazer certas pessoas sentirem-se pouco à vontade, por isso procuram evitá-los. Este poderá ser, ou não, o caso de seu cônjuge. Cabe a você verificar. Frequentemente, as pessoas que relutam em participar dos serviços da Igreja, são mais tímidas do que irreligiosas. Por isso, a apresentação a novas pessoas e atividades deve ser gradual, Pequenas reuniões em casa ou excursões recreativas talvez sejam o melhor, para começar. Mais tarde, a pessoa não-membro talvez se sinta à vontade num programa recreativo mais numeroso, colaborando num projeto de construção ou do bem-estar, num programa da Sociedade de Socorro ou do Sacerdócio. Deve-se sugerir a participação num esporte ou atividade recreativa que o cônjuge já pratique ou pelo qual se interesse.

Em muitos casos, as crianças provavelmente exercem uma influência mais forte sobre os pais do que qualquer outra pessoa. Anos atrás, participei de um programa experimental de um seminário, no sul de Idaho. Os estudantes que participavam aprenderam uma ou duas palestras dos missionários e a seguir, as apresentaram aos pais em casa. Alguns desses jovens tinham pais inativos ou não-membros, e desejavam reativá-los e serem selados no templo. A intensidade de seu anseio ao apresentarem a palestra simplesmente enterneceu o coração de alguns desses pais, até despertar seu interesse e desejo de participarem plenamente nos serviços e atividade da Igreja. O presidente da estaca em que funcionou o plano piloto comunicou pessoalmente que foi mais eficaz do que qualquer outro programa empregado anteriormente para ativação de membros e criação do desejo nos pais, de receber ou avançar no sacerdócio. Em verdade, um menino poderá guiá-los e deve ter oportunidade de participar do esforço de trazer os familiares não-membros para a Igreja.

Certa próspera empresa comercial mantinha esta observação exposta em lugar bem visível em todos os seus escritórios: “Para vender a João Silva o que João Silva compra, é preciso ver as coisas com os olhos de João Silva.” Isto resume o que venho procurando sugerir como o meio mais proveitoso de ajudar um não-membro a interessar-se pelo evangelho. Esta abordagem evita o comum conflito do ego que tantas vezes leva o esforço ao fracasso, simplesmente porque as pessoas acham mais fácil aceitar o evangelho e tornar-se uma unidade familiar eterna, quando se amam mutuamente e sentem necessidade um do outro — **agora**. Esse amor cria necessidade viável e desejo do evangelho na vida da gente, e é em geral a resposta para: “Como faço meu marido, minha esposa ou meu filho interessar-se pela Igreja?”

Um relacionamento familiar carinhoso, exemplar e fiel, é a melhor bússola espiritual para nos conduzir de volta ao nosso lar e nossos pais celestes. Contudo, lembrem-se sempre de amar e gozar as coisas boas de seu lar e cônjuge — jamais percam de vista todos os seus bons traços e virtudes. Eles conquistaram seu amor no princípio de suas relações — e gozar e cultivar constantemente esse afeto fornecerá o melhor solo para qualquer desenvolvimento futuro.

“SIGAM-ME AGORA”

Kathryn H. Ipson

Sita Mataele Lomu desejava apenas criar seus quinze filhos, em Tonga, como fiéis santos dos últimos dias. Mas seu marido, Samiu, não era membro da Igreja e freqüentemente reclamava:

— Você vai a muitas reuniões; fique em casa!

Ele não entendia quanta ajuda ela obtinha nessas reuniões e a força transmitida pelos outros membros.

Sita cultivava sua própria horta, e muitas vezes vendia algumas verduras para melhorar as finanças. Sempre pagava o dízimo de seus magros proventos. Ensinava aos filhos o valor do trabalho, o valor de pagar um dízimo honesto e o valor de freqüentar as reuniões da Igreja.

— Sigam-me agora, — aconselhava ela. — Algum dia poderão seguir seu pai.

Mas tornava-se muito difícil manter paz e harmonia no lar com Samiu não sentindo o mesmo pela Igreja. — Muitas vezes eu chorava, — conta Sita. — Eu sabia que as coisas não andavam bem em nosso lar. E precisava de ajuda.

Sita se criara numa família de onze filhos, sendo os pais fiéis santos dos últimos dias. Quando a Igreja foi organizada na sua aldeia, Mataele, seu avô, havia oferecido sua casa aos missionários como capela provisória até poderem construir uma e assim sua casa foi usada por muitos anos. Sita cresceu tendo testemunho.

Quando Moisés, seu segundo filho, foi chamado para trabalhar como missionário em Tonga, ele e Sita tiveram uma longa conversa sobre seu lar e os sentimentos do pai a respeito de religião. Decidiram

jejuar e orar todas as segundas-feiras, pedindo ao Senhor que ajudasse Samiu a compreender o Evangelho.

Às vezes, nas segundas-feiras, Samiu notava que Sita não comia e comentava:

— Por que não está comendo? — e ela respondia:

— As coisas não andam bem aqui em casa. Precisamos da ajuda do Senhor. Estou jejuando e pedindo que nos auxilie.

O tempo foi passando, e certo dia, depois de refletir maduramente, Samiu disse a Sita: — Eu sei que você sempre paga o dízimo do dinheiro que ganha. Pode pagar do meu também.

O coração de Sita encheu-se de alegria ao pagar naquele mês, não só o seu dízimo, como o do marido também. Sita e Moisés jejuaram semanalmente durante um ano, e certa vez Moisés disse à mãe que pretendia falar com o pai sobre a Igreja naquela mesma noite. Assim, após o jantar, Moisés conversou com o pai a sós, dizendo:

— Como sabe, pai, sou um missionário e ando por aí pregando ao povo; mas sinto que gostaria de batizar o senhor por ser meu pai. Depois então, poderei ensinar aos outros.

Os olhos de Samiu encheram-se de lágrimas.

— Há muitos, muitos anos fico sentado pensando na Igreja, e sei que esta é a verdade. O Senhor abençoou a mim e sua mãe. Temos muitos filhos e todos são fortes e saudáveis. Sou um homem de sorte. Quero ser batizado.

Naquele fim de semana, houve uma grande festa em Tonga, quando Samiu Lomu foi batizado na Igreja. Depois disso, a família Lomu mudou-se para o Havai, onde vão freqüentemente ao templo e são membros ativos da Ala II de Kailua, Estaca Kanealie, Havai. Sita diz muitas vezes aos filhos:

— Sigam seu pai! Ele é um bom homem.



O Que Fazer e Não Fazer ao Levar Amigos à Igreja

Spencer J. Condie

Levamo-los à Escola Dominical, e a seguir perguntamos se haviam gostado.

Os Saraiva eram um excelente casal com dois filhos pequenos. Embora o Sr. Saraiva fosse fumante inveterado, estava tentando vencer o hábito e tanto ele quanto a esposa tinham expressado interesse em receber as palestras dos missionários. Depois das primeiras duas ou três palestras, nós os convidamos a que fossem conosco à Igreja, sendo que o domingo seguinte era o de jejum.

Levamo-los, pois, à Escola Dominical, e a seguir perguntamos se haviam gostado. A reação foi bastante entusiasta. O próximo passo parecia óbvio: insistimos em que ficassem para a reunião de testemunhos. Eles concordaram com certa relutância. A reunião foi muito espiritual, mas prolongou-se por quase duas horas, e pudemos notar que as crianças deles estavam ficando bastante irrequietas.

Depois da reunião, indagamos o que acharam. Agora, a resposta foi bem menos positiva; na verdade, a resposta do Sr. Saraiva foi um tanto fria:

— É igreja demais para um dia. Não pretendíamos nos demorar tanto. Depois de não frequentarmos a nossa igreja há anos, hoje foi demais para nós!

Ficamos desapontados, quando nos informaram que, na próxima vez, preferiam ir à Igreja por iniciativa própria.

Existem muitas pessoas como eles em nossas cidades e vizinhança. São criaturas excelentes, por certo — são filhos de Deus — mas muitas delas ainda não sabem disso. Muitos foram criados num lar onde o dia do Sábado era um dia de lazer, de ir ao cinema, ao futebol, andar de barco ou passear na praia. Domingo era dia de cuidar do jardim, pintar a casa, lavar o carro e tomar umas cervejinhas, enquanto assistia a um jogo de futebol na televisão.

Como então, lidar com os “Saraiva” de nossas alas e ramos? Em primeiro lugar, devemos encarar a questão do ponto de vista deles. Convidá-los repentinamente para as reuniões sem considerável preparação, fá-los-á sentir-se tão pouco à vontade como nós, se fôssemos convidados para um piquenique de domingo. Temos que partir de onde estão e não de onde gostaríamos de que estivessem. E, obviamente, todos

os nossos esforços devem ser fundamentados em nosso amor e amizade aos Saraiva.

Linha sobre Linha

Poucos anos atrás, o Irmão Ernest Eberhard Jr. forneceu-nos algumas excelentes sugestões para compartilharmos o evangelho com nossos vizinhos. (A Liahona de fevereiro de 1975, p. 10.) Os passos preliminares para se convidar amigos à Igreja incluíam: (1) Certificar-se de que são amigos — procure conhecê-los bem, antes de insistir que venham à Igreja ou ouçam as palestras dos missionários; (2) recebê-los em sua casa ou sair com eles com fins estritamente sociais; (3) dar-lhes algo para ler, tal como revistas da Igreja ou folhetos missionários; (4) convidá-los a comparecer e participar de noites familiares, reuniões das auxiliares da Igreja, serões e festas da Igreja. Depois de um trabalho preparatório assim feito com todo cuidado e piedade, o convite para irem à Escola Dominical ou a uma reunião sacramental será a consequência lógica de uma crescente amizade.

Para um homem que passa o domingo trabalhando no jardim e quintal, um convite para ir ao projeto agrícola da estaca parecerá mais aceitável do que ir à reunião sacramental. A senhora que joga golfe, tênis ou pratica natação, será mais acessível ao convite para jogar voleibol com as irmãs da Sociedade de Socorro do que para ir à Escola Dominical. O marido poderia ser convidado, dependendo de seus talentos, a jogar basquete com o time da ala, tocar violão ou escrever uma pecinha para a festa do quorum dos élderes; a mulher, para comparecer à reunião de Economia Doméstica da Sociedade de Socorro, a seguir para as aulas de Refinamento Cultural, Relações Sociais e **só depois** para as de Viver Espiritual.

Deve-se pedir permissão prévia aos pais para que os filhos freqüentem o escotismo, Primária e reuniões dos jovens. Qual o pai que não fica orgulhoso, vendo um filho ou filha participando do “show” ambulante?

Visitar locais históricos, templos e centros de visitantes da Igreja, além de reuniões especiais para investigadores nas capelas, provê oportunidades adicionais para apresentar o evangelho “linha sobre linha”.

Reuniões sociais de vizinhança são excelentes para apresentar não-membros a outros membros da Igreja, bem como criar laços de amizade entre vizinhos. Depois, no momento oportuno, após jejum e preparação piedosa, podemos perguntar: Rute e José, vocês gostariam de nos acompanhar à Escola Dominical no domingo que vem? Se o trabalho de base tiver sido bem feito, eles se sentirão totalmente à vontade na Igreja, pois lá estarão os seus amigos.

Não Queiram Surpreendê-los

A fim de evitar o problema que tivemos com os Saraiva, informe-os sobre o que os espera nas reuniões, para que estejam preparados. Uns poucos dias antes, diga a alguns membros de sua ala ou ramo que, no próximo domingo, vocês levarão amigos à Igreja. Embora os membros geralmente se mostrem cordiais sem tal aviso, ainda assim contribuirá para

que nossos amigos se sintam em casa, quando são cumprimentados carinhosamente pelos santos.

Sejam Positivos

Às vezes, colocamo-nos inconscientemente na defensiva a respeito de nossas reuniões, que podem ocasionalmente ser perturbadas pelo choro de uma criança. Em lugar de pedir desculpas por um incidente assim, expliquemos aos visitantes não-membros que a nossa religião prega a natureza eterna da unidade familiar e que vamos à Igreja em família — incluindo os bebês.

Quando uma criança tropeça num discursinho na Escola Dominical ou reunião sacramental, podemos assegurar aos amigos que a Igreja se destina ao aperfeiçoamento dos santos (Ver Efésios 4:12), e que achamos que todos devem participar, a fim de crescerem espiritualmente.

Quando algum santo tratar nossos vizinhos amigavelmente de “irmão” ou “irmã”, eles não precisam sentir-se ofendidos, pois a Igreja nos ajuda a entender que todos nós pertencemos à mesma família, que somos todos filhos do mesmo Pai Celestial. Vocês verão que a maioria das pessoas de fato apreciará ser tratado de irmão ou irmã.

O saguão de nossas capelas costuma ficar movimentado após as reuniões, e podemos explicar aos nossos amigos que os membros da Igreja sentem grande prazer em se encontrar no vínculo comum do amor ao evangelho. Nós não pretendemos ser irreverentes no saguão, mas apenas demonstrar nosso amor e interesse recíproco.

Que Tipo de Sinal Emitimos?

Às vezes levamos nossa vida como se as únicas mensagens que transmitimos aos outros fossem unicamente pela palavra falada. Entretanto, comunicamos muita coisa sem uma só palavra. O que observam nossos vizinhos quando saímos para a Igreja? Seria como um irreverente número circense, com o pai entrando no carro a berrar para que se apressem, enquanto a mãe procura freneticamente abotoar o agasalho do bebê, e simultaneamente apaga as luzes e tranca a porta? Nós chegamos em casa da Igreja dando um profundo suspiro de alívio, e os vizinhos que tomam banho de sol no pátio ouvem nosso comentário: — Ufa, pensei que aquele orador não iria mais parar. Teria sido bem melhor se estivesse preparado.

Alguma vez nos queixamos aos vizinhos que nossas designações na Igreja tomam tempo demais? Ou temos emitido sinais de que servimos ao Senhor com sincera alegria e apreço?

Como Saber A Quem Convidar

O grande missionário, o Apóstolo Paulo, sabia que tendemos a ser atraídos pelas pessoas cujos valores, atitudes e idéias são semelhantes aos nossos. Por esta razão, disse ele:

“Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais.

“E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; . . .

“Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns.” (I Cor. 9:19-20, 22.)

Nossa responsabilidade é convidar a todos. Nosso dever é estender a mão a todos os nossos vizinhos e colegas de trabalho. Às vezes, temos de ser cautelosos e pacientes ao abordar os tímidos. Com outros amigos talvez devamos ser mais afoitos. Mas, lembrem-se, temos que nos tornar amigos antes de poder compartilhar efetivamente o evangelho.

A despeito do fato de que nossa meta é convidar todos para o reino, certos campos estão mais maduros e prontos para a ceifa que outros. Aprendemos uma valiosa lição a esse respeito, enquanto fazíamos um curso de doutoramento numa universidade do Leste. Havíamos apresentado vários colegas de estudo aos missionários, sem jamais conseguir levá-los para a Igreja. Posteriormente, compreendemos que gastáramos muito tempo trabalhando com pessoas que, naquelas alturas, estavam mais preocupadas com seus interesses acadêmicos do que com as coisas do Espírito. Nossos vizinhos imediatos mostraram-se mais receptivos ao evangelho naquela determinada época.

Eles Tiveram Sua Oportunidade!

Uma das técnicas de Satanás para frustrar a obra do Senhor, é convencer membros e missionários igualmente que certos indivíduos que recusam convites para ir à Igreja ou ouvir as palestras, “tiveram sua oportunidade”. O número de conversos à Igreja que “passaram” por diversas duplas de missionários salientam o fato de que ninguém é capaz de julgar quando outra pessoa teve uma oportunidade adequada de ouvir e aceitar o evangelho.

O Apóstolo Paulo observa: “Eu plantei; Apolos regou; mas Deus deu o crescimento.” (I Cor. 3:6.) E se Apolos tivesse deixado de se esforçar com aqueles não convertidos pelo contato inicial de Paulo? Alguns desanimam, quando seus esforços não parecem produzir frutos. Muitas vezes alguma reflexão revelará que nossa abordagem foi inoportuna ou mal planejada, ou talvez que estivéssemos ansiosos por aceitar o crédito pela futura conversão, embora seja Deus quem dê o crescimento.

A magnífica admoestação do Senhor aos líderes do sacerdócio, parece aplicar-se igualmente aos nossos esforços para trazer outros para o reino. Nossos convites devem ser feitos unicamente com “persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.” (D&C 121:41-42.)

A sua promessa a nós, se nos engajarmos conscienciosamente no trabalho missionário, ajudará a sustentar nosso empenho proselitista: “Pois vos perdoo-rei os vossos pecados com este mandamento — permaneci firmes em vossas mentes em solenidade e espírito de oração, prestando ao mundo todo testemunho das coisas que vos são comunicadas.” (D&C 84:61.)



Meus Alunos Prisioneiros

Janette Millar

Quando eu vivia em Sydney, Austrália, fui convidada a lecionar redação criativa aos detentos de uma instituição de segurança máxima — a criminosos inveterados. Recusei o primeiro convite. Não iria entrar numa prisão para ensinar criminosos! O pensamento me assustava. De qualquer forma, eu não tinha conhecimento suficiente, pois eu própria ainda estava aprendendo.

Três meses mais tarde, recebi novo convite e aceitei imediatamente. Penso que minha resposta foi inspirada, pois a palavra escapou-me antes de ter tempo de pensar. Durante dez meses, fui àquela prisão todos os sábados de manhã, até que o excesso de trabalho e os exames me forçaram a desistir. Aprendi uma coisa: Toda alma é importante para Deus e tem que ter oportunidade de ouvir o evangelho.

Logo desde o primeiro dia, implicaram comigo. Diziam: — Você é diferente. Você é religiosa e aqui não queremos saber de religião.

Eu repetia que estava ali unicamente para ensinar redação criativa. E assim continuou das nove da manhã até ao meio-dia e meia, e oh, como me deixaram exausta!

O segundo sábado foi um pouquinho melhor; consegui algo mais. O terceiro foi ainda diferente. Assim que começou a aula, eles disseram: — Você é diferente. Você fala diferente, pensa diferente, age diferente. Temos conversado a seu respeito a semana inteira, e dois de nós achamos que você é mórmon. É mesmo?

Fiquei atônita. Jamais pensei que conseguissem adivinhar minha religião. Assim mesmo confirmei, esperando por mais azucrinção. Eles comentaram: — Bem, de certa forma, isto estraga nossa especulação. Divertimo-nos um bocado falando a respeito mas estamos contentes por saber.

Daquele dia em diante, eles me encheram de perguntas acerca do evangelho. Eu não fui contra-

tada para lecionar religião, mas esta sempre acabava tendo precedência sobre a parte de redação da aula. Eles escreviam e estudavam, certamente, mas eu costumava levar seus trabalhos para casa e trabalhava neles, para que pudéssemos passar mais tempo falando de religião.

Revistas da Igreja e exemplares do Livro de Mórmon passaram de mão em mão, sem sofrer o mínimo dano. Geralmente os livros religiosos eram mutilados e às vezes destruídos. Páginas da Bíblia tinham servido até mesmo como papel para cigarro.

Nós costumávamos trabalhar sentados ao redor de uma velha mesa cambaia, mas um dia havia uma nova mesa redonda com base de ferro e coberta com um cobertor no centro das cadeiras. Elogiei a mudança; então eles revelaram o segredo. Tinha sido um trabalho de amor de duas semanas; eles próprios haviam confeccionado e pintado a mesa, com o tampo decorado com uma cabeça de gato por saberem que eu adorava bichanos. Fiquei profundamente tocada.

Tenho o prazer de dizer que a minha classe era a mais popular e de frequência mais consistente de todos os cursos oferecidos, com uma média de dez alunos todas as semanas. Embora não fosse por mim, eu bem sabia. Era o assunto discutido, o evangelho de Jesus Cristo. Membros do sacerdócio ajudavam-me a responder à maioria das inúmeras perguntas rabiscadas em pedaços de papel. Esta era outra parte de minha tarefa de casa.

Eu adorava o trabalho e voltaria a fazê-lo com prazer, se tivesse a oportunidade; só que, desta vez, eu arranjaría as coisas de maneira que pudesse ensinar abertamente o evangelho, se a classe o desejasse. Sei agora que, naquela época em particular, havia um trabalho a fazer — um prisioneiro estava pronto para receber o evangelho. Fui enviada lá por ter meios de alcançá-lo. Continuo correspondendo-me com ele.

Fale-nos de Sua Religião

Você ficará surpreso ao ver como seus filhos podem ser missionários. Nós ficamos!

George D. Durrant

Uma pequena crise acabara de atingir a vida do adolescente Matt, um dos únicos doze alunos mórmons em todo o colégio. Como responder corretamente à questão quinze do teste, sem violar a norma da classe que proibia ao aluno alterar a redação de qualquer pergunta certa ou errada? Ele voltou a ler o enunciado.

“Joseph Smith, o pretense profeta mórmon, escreveu o Livro de Mórmon. Certo ou errado.”

Matt achava que, acertando esta questão, não teria nenhum erro no teste. Mas como responder a tal coisa? O professor esperava que assinalasse o “certo”, mas estava “errado”.

Chegou a hora de entregar a prova. Tinha que responder agora ou nunca. Rapidamente riscou a palavra “pretense” e substituiu o termo “escreveu” por “traduziu”. A seguir, circulou a palavra “certo” com traço grosso e entregou a folha.

Depois da chamada no dia seguinte, a primeira coisa que o professor falou foi: — Matt, levante-se.

Matt obedeceu.

— Explique-nos: por que mudou o enunciado da questão quinze? — indagou, em tom severo. Matt recordava perfeitamente a questão mencionada. Sorrindo francamente, replicou:

— Porque Joseph Smith não foi um pretense profeta. Ele era um profeta. E porque ele não escreveu o Livro de Mórmon — ele o traduziu.

— Então venha aqui à frente e tome o tempo que quiser, contando-nos o que torna vocês, mórmons, como vocês são.

Matt teve a emoção de falar à classe inteira sobre a Igreja. E ainda recebeu crédito por responder corretamente à questão quinze.

Enquanto moramos naquela cidade, todos os nossos filhos tiveram muitas oportunidades de falar a respeito da Igreja. Consideravam um divertimento poderem procurar diariamente oportunidades naturais de falar do evangelho aos amigos.

Acho que o termo “natural” seja o melhor que eu poderia usar para descrever como nós e nossos filhos nos tornamos missionários. É simplesmente aguardar oportunidades “naturais”. Nada de pressa, de artificial, de inoportuno. Apenas mantendo os olhos, ouvidos e coração abertos, em muitas ocasiões a única coisa lógica a dizer será, aparentemente, falar do Senhor e de sua Igreja.



Tentamos deixar claro aos nossos filhos, que não era tarefa deles converter todo mundo, mas que tinham a bendita oportunidade e privilégio de informar naturalmente a quantos pudessem sobre a Igreja.

Todos sabíamos que, se fôssemos prazenteiros, demonstrássemos boa vontade e mantivéssemos os padrões da Igreja, seríamos capazes de falar muitas vezes do evangelho. Sempre que nos sentíamos compelidos a converter alguém, logo notávamos que nos estávamos tornando exagerados. E ser exagerado era para nós uma reação forçada e muito artificial.

Nosso filho mais velho, por exemplo, teve oportunidade de falar na formatura do curso colegial. A princípio, pensou que deveria mencionar bastante a Igreja. Mas isso de alguma forma parecia impróprio, pois as pessoas ali pertenciam a muitas igrejas. Contudo, pareceu-lhe bastante natural concluir suas palavras com: “Quando cheguei a esta escola há três anos, eu não conhecia nenhum de vocês. Eu era um estranho, mas agora minha mente está repleta de lembranças agradáveis de como fui tratado aqui. Sua bondade, seu afeto me fizeram amar esta cidade e seu povo escolhido. Este local tornou-se meu lar, e esta escola, a minha escola. Vocês se tornaram meus melhores amigos. E por causa da maneira como me trataram, eu repito o que Brigham Young, o grande profeta mórmon, disse, quando encontrou seu novo lar no Oeste: Para mim, “este é o lugar.”

A audiência se pôs de pé e aplaudiu por vários minutos. Seu raciocínio natural e absolutamente sincero conquistara corações e lhe abriria as portas em muitos casos.

Logicamente nos dávamos conta de que ser amigável e levar uma vida justa não ensinaria ao povo as doutrinas da Igreja mais do que a vida do professor de matemática ensinaria álgebra aos seus alunos. Porém, ser pessoa amigável abriria a porta a conversas naturais que dariam oportunidade a provocar um encontro entre amigos nossos e os missionários.

Nossa família costumava viajar bastante, e muitas vezes comíamos em bares. Quando a garçonete nos oferecia café, respondíamos naturalmente:

— Não, obrigado, não tomamos café. Somos mórmons.

A frase: “Somos mórmons” parecia natural e fácil. Muitas vezes ensejava uma conversa e obtínhamos endereços para os missionários.

Ensinamos aos nossos filhos que todos devíamos ser o tipo de pessoa com quem os outros gostam de conversar. Deixamos claro que, se alguém rejeitasse a Igreja, não significaria necessariamente uma crise para nós. Não precisávamos ficar zangados ou irritados, se alguém criticasse nossas crenças. Bastava apenas sorrir e responder sem agressividade ou arrogância. Devíamos entender que as pessoas com quem estávamos falando, simplesmente não compreendiam.

Quando nos transferimos para outra cidade no Leste dos Estados Unidos, onde havia apenas uns

poucos mórmons, decidimos convidar a vizinhança inteira para uma recepção em nossa casa. Não esperávamos que muitos atendessem ao nosso convite impresso, mas todos eles vieram. Mal conseguimos acomodar toda gente na casa. Era a primeira vez que muitos dos vizinhos se encontravam com os demais.

Depois de uma longa noite de convivência, todos foram para casa, menos uma família. Eles eram católicos e moravam na mesma rua, pouco abaixo de nós. Seus filhos eram da mesma idade dos nossos. Foi o início de uma boa amizade. Os meninos costumavam vir jogar basquete com os nossos, enquanto as garotas brincavam de esconde-esconde com nossas filhas.

Enquanto as crianças ficavam brincando nas quentes noites de verão, nós, os pais, conversávamos sobre muitas coisas, observando a dança dos pirilampos. Criou-se uma cálida amizade e os pais começaram a comentar: — Como vocês conseguem que seus filhos sejam tão ajustados e gentis?, e nós dizíamos: — Eles aprendem quase tudo isso na Igreja e durante a noite familiar. Também aprendem uma porção dessas qualidades na Primária.

E eles respondiam: — Daríamos qualquer coisa para que nossos filhos fossem assim.

Então nós os convidamos para uma noite familiar em nossa casa, e eles retribuíram o convite. Mas isso tudo não bastava, não mesmo. Tínhamos que ir adiante. Por isso, convidamos os missionários juntamente com a família.

Os filhos deles passaram a gostar realmente dos missionários, e disseram:

— Por que vocês não aparecem lá em casa e nos falam de sua religião?

Assim, os missionários começaram a visitá-los e eram recebidos pelas crianças com a pergunta: — Vocês vieram falar de sua religião?

E os missionários falaram a respeito de religião, mas aquela família tinha raízes profundas na Igreja Católica e não pretendia mudar, por ora. Nosso mais sentido adeus, quando deixamos a cidade, foi para aqueles bons amigos. No verão passado, os rapazes vieram visitar nossos filhos em Utah, e pretendem voltar novamente.

Algumas pessoas reagem positivamente ao trabalho missionário; outras acham que é demais, que não gostam de pressionar as pessoas. Mas parece que nossos filhos conseguiram fazê-lo sem pressionar ninguém; simplesmente levando a conversa para a Igreja. Nem todos mostrarão interesse, mas muitos sim. Os que se mostrarem interessados, poderão ser ensinados pelos missionários. Por experiência própria, a afirmação mais difícil parece ser: “Conhecemos dois missionários que gostariam de visitá-los. Gostariam de recebê-los?” Mas, mesmo isto, parece natural quando se está conversando com alguém de quem se gosta ou mesmo se ama.

Como fazer um não-membro interessar-se pela Igreja? Para esta pergunta, existem uma porção de boas respostas. Mas, quais abordagens são as mais eficazes? Esta questão foi apresentada a vários recém-conversos. Suas respostas, seu entusiasmo e suas idéias nos fornecem uma boa visão do trabalho dos membros missionários.

— Trabalho missionário? — Sue Ann Yazze, garota navajo de dezessete anos, de Shiprock, Novo México, sorriu afastando os longos cabelos negros dos ombros. Com os cálidos olhos castanhos fulgurando, ela respondeu: — A melhor maneira de fazer

alguém interessar-se pela Igreja é ser gentil com a pessoa.

Membro da Igreja há dois anos, Sue Ann fala de sua conversão: “Mesmo antes de entrar na A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, eu acreditava que, quando morrermos, seremos capazes de ver amigos e parentes que morreram antes de nós. Perdi a fé na igreja que freqüentava, quando o ministro falou: ‘Se você pensa que pode ver seus antepassados mortos quando morrer, está enganada.’ Foi então que indaguei ao Senhor qual era a igreja verdadeira. Prometi que guardaria os mandamentos, se ele me ajudasse.”

MEMBROS MISSIONÁRIOS

Laird Roberts



Sue Ann queria cursar o colegial fora da reserva indígena. Quando lhe propuseram participar do programa educacional para índios em Richfield, Utah, ela aceitou. Em Richfield, os estudantes índios vivem numa espécie de internato e freqüentam as escolas locais.

Quando um dos funcionários do internato convidou Sue Ann e várias amigas suas para uma noite familiar, ela não estava muito interessada. “Na época, eu não tinha certeza de gostar da Igreja Mórmon. Não sabia muita coisa a respeito dela. Mas fui, para estar em companhia de minhas amigas. Foi quando passei a me interessar pela Igreja. Gostei do que ouvi.

“Mai tarde, lendo o livro de Mórmon, muitas partes me pareceram familiares. Quando eu era mais jovem, minha avó contava-me muitas lendas navajos. A história do grande deus branco que voltará um dia, eu ouvi primeiro dela.”

Sue Ann quer compartilhar o evangelho com tantas pessoas quanto puder. Recentemente uma amiga sua, Elouise Meyers, terminou as palestras dos missionários e foi batizada. Sue Ann explica: “Eu tinha uma entrevista com o bispo e resolvi levar uma coleção comigo. Fui com Elouise. Eu sabia que ela não estava a par de quase nada a respeito da Igreja. Enquanto esperávamos o bispo, apareceram os missionários. Perguntei se estavam ensinando alguém naquela noite, ao que responderam que não. Então eu disse: — Por que não ensinam minha amiga? Então eles marcaram um encontro.”

Para David Wojnar, 22 anos, de Springfield, Massachusetts, uma boa amizade teve papel importante na sua conversão à Igreja. Servindo atualmente como missionário na Missão de Utah Lago Salgado, o Élder Wojnar falou a respeito do papel da amizade no trabalho missionário.

“Quando terminei o colegial, decidi que estava em tempo de sair de casa. Arranjei emprego na Virgínia e fui morar com um velho amigo. Um de meus companheiros de quarto era santo dos últimos dias. Logo passamos a ser bons amigos. Fazíamos uma porção de coisas juntos e falávamos sobre todos os assuntos. Ela se interessava sinceramente por mim. Primeiro fomos amigos e isto provavelmente ajudou mais do que outra coisa qualquer,” explica o Élder Wojnar.

“Eventualmente me convidou para ir com ele a uma atividade dos Jovens Adultos. Eles estavam apresentando uma peça. Os jovens se aproximaram e me fizeram sentir bem-vindo. Todos estavam entusiasmados por conhecer alguém novo. Eram diferentes de todos os que havia encontrado anteriormente. Havia ali um outro espírito.

“Quando passei a participar das atividades e freqüentar as reuniões, os membros fizeram sentir-me especial e importante. Nunca me rebaixaram por ser de outra igreja. Eu me sentia bem entre eles.”

Naquela ocasião, o Élder Wojnar ainda não estava preparado para assumir o compromisso do batismo. “Meu outro colega de quarto, um amigo de Massachusetts, estava ouvindo as palestras, achando-se quase pronto para batizar-se. Quando os missionários apareciam, eu sempre encontrava uma desculpa para sair. Grande parte dos obstáculos eram sim-

plesmente temor e não saber o que aconteceria. Eu estava resolvido a servir ao Senhor; apenas precisava de tempo. Ninguém se mostrava perturbado ou aborrecido por causa de minha hesitação. Meu amigo tinha paciência e não desistiu. Continuou sendo meu amigo, e eventualmente acabei assumindo o compromisso, “conta o Élder Wojnar.

“Sinceridade é um dos aspectos mais importantes do trabalho missionário,” explica ele. “Quando se é sincero e amigo de verdade, as pessoas responderão ao evangelho. Quanto aos membros, é muito mais importante que lancem a semente do que ensinar doutrinas. Ser um bom exemplo também é importante. Isto significa mais do que simplesmente viver os princípios. Quer dizer abrir-se e mostrar os resultados da vivência do evangelho. Não tenham medo de revelar que são mórmons. Fico contentíssimo, sempre que posso contar a alguém que sou mórmon,” concluiu o Élder Wojnar.

A paciência é parte importante do trabalho missionário. Tanto Cindy, de quinze anos, como sua irmã Tina Doxstater, de quatorze, participaram de atividades da Igreja por dois anos, antes de se batizarem. Cindy disse que ficou impressionada com a unidade das famílias mórmons e pelas atividades da Igreja a que foi levada pelas amigas. Mas não estava preparada ou segura sobre assumir um compromisso.

“Os membros da Igreja nos aceitaram pelo que éramos,” diz ela. “Não fizeram pressão e isto ajudou.” As amigas de Cindy não desanimaram. Quando uma delas sugeriu: “Por que não ouve as palestras missionárias?”, ela concordou. Com o incentivo das amigas e de um professor de Ciências da escola, Cindy e Tina foram batizadas este ano. Quem as batizou foi o professor, Larry Anderson.

Violet Wilson, 18 anos, de Kellog, Idaho, também participou de atividades da Igreja por vários anos, antes de se batizar. Disse que uma das influências importantes para se filiar à Igreja foi o fato de os membros fazerem-na sentir-se como se fosse um deles.

Referindo-se ao trabalho missionário, Cragg Rogers, de 21 anos, disse: “A melhor maneira de influenciar alguém é viver o que se crê. Seja você mesmo e não tente aparentar o que, na sua opinião, alguém gostaria de que você fosse. Foram pessoas que viviam como deveriam que me trouxeram para a Igreja. Eu sou derato a elas. Espero poder fazer o mesmo. Posso falhar quarenta vezes, procurando interessar alguém no evangelho, mas um único sucesso será compensação mais que suficiente. Estou certo de que as pessoas que me ajudaram, também foram repelidas muitas vezes.” concluiu Cragg.

Ser amigo sincero, mostrar respeito pelos valores e crenças de outras pessoas, ser paciente, ser você mesmo, dar bom exemplo e evitar participar de rodinhas de membros antigos que excluem ou menosprezam não-membros, são algumas das importantes técnicas que esses recém-conversos recomendam no trabalho missionário dos membros.

Sue Ann Yazzie disse mais uma coisa que se aplica ao trabalho missionário: “Trabalho missionário? Meu conselho é: pôr mãos à obra.”

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE JORGE FLÁVIO DE MORAES ESTACA SÃO PAULO NORTE

Jorge Flávio de Moraes nasceu em Passos, MG, a 23 de julho de 1933. É filho de Manoel Flávio de Moraes e Geni de Mello Moraes. Formou-se em Direito e Letras em São Paulo. É casado com Zélia B. de Moraes e tem três filhos: Débora, com 18 anos, Maristela, com 15 anos e Marcos, com 8 anos. Trabalha no setor jurídico do grupo Supergasbrás.

Presidente Moraes, apesar de residir em São Paulo há mais de 20 anos, ainda conserva fortes características do bom mineiro: o temperamento pacífico, o laconismo e apesar dele, pode se perceber um forte sotaque mineiro. Assim também é sua vida; em tudo, reflete o tradicionalismo do seu Estado, principalmente no lar, que é seu recanto predileto. Ao redor da esposa e dos filhos, que participam animadamente de uma conversa após o jantar, ele se desfaz do seu jeito encabulado e principia a falar de sua vida recordando os tempos de rapaz.

“Desde cedo, sentia grande desejo de ser médico. Assim que terminei o serviço militar vim para São Paulo prestar exame vestibular. Tentei dois anos seguidos e não consegui. Voltei para Passos, e acabei me casando, pois namorava havia cinco anos. Tudo começou quando eu ia ao colégio e passava em frente à casa dela. Da janela, sempre estrategicamente colocada, deixava sempre cair um lenço, um pente ou outro objeto qualquer; eu apanhava e devolvia. Pouco a pouco ela foi me conquistando, até que capitulei e me apaixonei.

Tão logo nos casamos, viemos para São Paulo e não foi mais possível estudar medicina. Apesar de ter cursado Direito e Letras, ficou a frustração que hoje é compensada fazendo curativos e receitando analgésicos para o pessoal de casa.”

Da sua conversão à Igreja, ele diz que foi um pouco difícil. O catolicismo, que é nato no mineiro, barrou a princípio sua compreensão.

“Num domingo voltávamos da feira de sacola na mão, quando fomos abordados por dois missionários que sutilmente marcaram uma visita em casa. Por educação e por gentileza, eu e Zélia aceitamos. Assim começaram as pa-

lestras que a princípio não nos despertavam nenhum interesse. Então eles aplicaram o que hoje se chama programa SIGA. Foi em casa de uma irmã que mora aqui perto. Essa irmã foi nos clareando o caminho através de atitudes e conversas. Mesmo assim demorou seis meses a preparação para o batismo. Depois do batismo, freqüentávamos as reuniões regularmente. Nunca faltava às reuniões do Sacerdócio, mas não imaginava que ele estivesse ao meu alcance quando o bispo me chamou e me perguntou se gostaria de ser ordenado um diácono. Fiquei maravilhado com as bênçãos e benefícios que essas chaves poderiam trazer para mim. Depois de um ano de conversão veio meu primeiro cargo. Foi um choque para a família e amigos que não entendiam minha participação tão ativa e meu total envolvimento com o trabalho do Senhor. O fato às vezes me aborrecia bastante, principalmente por parte da Zélia, que julgava que Evangelho fosse como missa: bastava ir uma vez aos domingos e estava com o dever espiritual cumprido. Quando ela finalmente pôde entender a realidade, foi uma grande transformação em nossas vidas. De opositora ela passou a grande colabora-

dora e ativa participante no trabalho da primária. Sem seu apoio meu trabalho seria impraticável. Não existe um servo do Senhor que possa servi-lo com total devoção sem o apoio da mulher. Ela é indispensável para o desenvolvimento de um líder.

Meus primeiros chamados foram para auxiliar de secretário e secretário, depois trabalhei no Sumo Conselho da Estaca, como conselheiro de bispo e bispo.

Como bispo, realmente fui preparado para ser um líder, pois essa é a função mais trabalhosa, que requer o máximo de nós e de nosso tempo, por isso um bispo aprende a amar tanto seu rebanho e seu chamado. Nessa fase de bispado adquiri um grande amor pelos jovens e guardo desse período as mais ternas lembranças. Desfalquei o ramo de rapazes, chamando-os para missão; a maioria deles atendeu com grande entusiasmo. Sei que na volta, quando eles tiverem cumprido sua missão, a Ala terá um grande reforço na liderança, pois eles progrediram muito, tornando-se grandes homens na obra do Senhor.

Em nossa Estaca temos tentado cumprir o desafio do Presidente Kimball, estamos quase completando o nosso



quadro de missionários que é de 15 pessoas.

Outro desafio cumprido foi a nossa quota de contribuição para a construção do templo. Quando foi criada a Estaca São Paulo Norte, os membros que entraram para essa área pertenciam à Estaca São Paulo e outra parte à Estaca São Paulo Leste, de modo que ambas cumpriam suas quotas, e quando fomos organizados recebemos uma designação pequena. Não foi difícil o desempenho dessas tarefas.

O presidente Moraes sente-se feliz por saber que o Evangelho o envolveu por completo, na vida profissional, no comportamento pessoal e social e principalmente no lar. Aperfeiçoou a vida no lar e trouxe o verdadeiro significado dele aos olhos do Senhor. Sua família é sua maior riqueza e sua maior bênção. Ele espera em breve poder selar esse grande tesouro nos convênios eternos, no Templo de São Paulo.

Ao seu rebanho e aos membros em geral, sua mensagem é: "Estudem diligentemente as escrituras para saber o que o Senhor deseja de cada um. Sejam obedientes em cumprir os mandamentos. Recebam todos os chamados com humildade, pensando unicamente em servir ao Senhor, sem vaidade pessoal. Chamo atenção de todos para D&C 130-19." E, se uma pessoa por sua diligência e obediência obtiver mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto maior vantagem no mundo futuro."



Presidente Moraes e Família

Inaugurada Nova Capela

A Estaca São Paulo inaugurou no dia 4 de agosto a capela da Ala V no Caxingui ao lado do templo, com uma conferência trimestral que contou com a presença do Supervisor de área, Elder Willian G. Bangerter.

A capela deverá ser também a sede da Estaca. Terá capacidade de acomodar mil pessoas confortavelmente.

Na cerimônia, o presidente daquela estaca, Darci Correa, incentivou a congregação a conservar em ordem a casa de oração, e disse que a Igreja é vida com Deus na Terra e a maior preocupação dos SUD deve ser servir ao Senhor o melhor possível, em busca do aperfeiçoamento.

O segundo conselheiro, Silva Camargo, falou da perseverança que é a base para atingirmos metas que a Doutrina nos oferece. A inteligência e sabedoria são veículos que conduzirão acertadamente para as metas. Lembrou o exemplo de Abraão e Sara que perseveraram 39 anos para atingir sua meta, que foi trazer ao mundo um filho, Isaac. Mais tarde, Abraão não titubeou em oferecer seu único filho em sacrifício, a pedido do Senhor.

Lembrou os jovens de que devem ter por meta prioritária a missão.

O irmão Verne Sporn, do Sumo Conselho, falou sobre suas experiências no campo missionário, quando serviu em 1966 na Suíça. Ela completa a formação e educação do indivíduo.

Sister Geraldine Bangerter recordou os tempos de sua família aqui no Brasil, quando seu marido presidia a missão brasileira. Falou das bênçãos que a família tem recebido pelo trabalho na obra do Senhor. Manifestou grande alegria em rever os antigos membros brasileiros e o progresso da Igreja neste país.

Elder Bangerter, o último orador, transmitiu as recomendações do presidente Kimball a este povo, quando ele veio ao Brasil. Dirigiu-se também aos jovens analisando o valor da missão em suas vidas. Disse que os pais devem incentivar seus filhos desde cedo a servir nesse campo. A Igreja tem encontrado dificuldade em fazer entrar missionários de fora. Considera esse fator um problema de fácil solução, porque nós temos um grande potencial humano, que poderá tranquilamente suprir as necessidades. A meta para o momento é levar o evangelho a todo o mundo.

Encerrou seu discurso testemunhando que Deus vive e reina sobre o universo.

Crianças da Califórnia Ajudam a Angariar Fundos para o Templo do Brasil

As crianças da Escola Dominical Júnior da Ala 2 — Castro Valley, da Estaca de San Leandro California contribuíram com US\$ 360 dólares (cerca de Cr\$ 5.400,00) para a construção do templo de São Paulo.

Para dar às crianças o privilégio de contribuírem para a construção de um templo, a irmã Roberta Blevins, coordenadora da Escola Dominical Júnior, iniciou um projeto de levantamento de fundos.

As crianças ajudaram fazendo anúncios, preparando envelopes e fazendo um cartaz. Foi pedido que cada criança se esforçasse por ganhar, com seu trabalho, dois dólares em dois meses.

Elas venderam adesivos para carros onde se lia: "Felicidade é ter Noite Familiar", carregaram embrulhos para as senhoras da vizinhança, limpavam jardins, lavaram louças e até venderam frescos e assim ganharam \$ 180 dólares que foram completados com igual quantia por um membro da ala.

(Church News)



Irmã Maria Carmona, Uma Pioneira da Igreja em Campinas



Testemunha da chegada do Evangelho na cidade de Campinas, a irmã Carmona foi uma grande colaboradora da obra missionária. Aos 82 anos ela conserva ainda uma brilhante memória e tem um forte testemunho da veracidade da Igreja. Seu espírito ainda é vigoroso e alegre como nos tempos da juventude, mas as fases de sua vida que permanecem mais vivas em sua lembrança são a infância e o encontro com a Doutrina de Cristo. Fala delas como se estivesse revivendo cada uma das cenas, tal é a precisão de detalhes com que ilustra seu relato. Uma nostálgica atmosfera domina seus pensamentos e sua expressão.

“Meus pais eram emigrantes espanhóis da cidade de Granada e eu nasci na cidade de São Simão, interior de São Paulo, em 27 de junho de 1895. Morei em Ribeirão Preto quando era muito pequena, em 1903. Tinha uma vontade muito grande de estudar e aprender a ler, e quando meu pai chegava em casa depois do trabalho, cansado, pois não era habituado a trabalhar em serviços pesados na Espanha e aqui até mesmo como pedreiro acabou trabalhando, eu lhe pedia que me ensinasse a ler no jornal. Ele me comprou uma cartilha e aprendi a juntar as sílabas. E antes dos sete anos, por minha grande insistência, entrei para a escola metodista, mas não podia ser matriculada nem constar nos livros de chamada por ainda não ter idade. Era a maior alegria de minha vida poder estar na escola e freqüentar a igreja metodista. Nessa época nasceu em mim um grande amor pelo evangelho e por Deus, que me influenciou e me levou a pesquisar mais durante toda minha vida até encontrar a verdade. Depois de algum tempo, minha família mudou-se para Jundiá, onde residimos por pouco tempo. Lá, fiquei sem escola e sem a igreja que tanto amava, para minha grande tristeza.

Em 1905, viemos para Campinas e freqüentei a escola da primeira igreja presbiteriana de Campinas.

Em 1906 fomos para São Paulo, moramos na Lapa durante dezenove anos e naquela época não havia água, luz, nem escola. Enquanto aguardava a vinda de uma sonhada escola, eu brincava com meus irmãos e as crianças vizinhas nos buracos formados pelas águas das chuvas e enxurradas. Finalmente chegou a escola maravilhosa, que pertencia também à seita metodista. O mais interessante dessa fase era que aos domingos, bem cedo, eu ia à missa conduzida pela mão do padre que morava perto e, na volta da missa, eu ia para a escola dominical metodista. Meus pais, apesar dos costumes severos da época, não se opunham a que eu freqüentasse outras seitas além da católica. Através dessa liberdade de religião em que fui criada formei um espírito indagador e aguçado para o estudo de todas as religiões. Dessa fase maravilhosa de minha vida ainda guardo os boletins e notas e a lembrança querida da professora.

Havia nas escolas uma grande separação de classes sociais e eu não era bem aceita entre as meninas de maiores recursos econômicos; pertencia a um lar honrado, mas muito humilde. Mas esse fato não me desanimava e tudo que eu precisava era estar na aula aprendendo; não gostava de férias, a escola e a igreja para mim eram tudo. Infelizmente não pude estudar por muito tempo pois meu pai, de cultura latina, achava que mulher não devia saber muito. Apesar disso guardo um grande amor pela lembrança dele e de minha mãe, que foi uma mulher pacífica e trabalhadeira.”

A natureza profunda e o caráter resolutivo de irmã Maria Carmona, cedo ainda se fizeram notar pelo modo de encarar a vida; o dinheiro para ela não deve influir na formação do ser humano: o que deve contar é a nobreza de caráter e o orgulho do homem ser filho de Deus. Sempre nutriu um grande sentimento de amor ao próximo e igual-

dade entre os homens. Essa base serviu para confortá-la nos muitos reveses por que passou na vida. Julga que o sofrimento lhe abrandou o espírito um tanto altivo, fato que só veio compreender depois de ter aceitado o Evangelho verdadeiro. No princípio de suas tribulações, sentia grande revolta e até mesmo a fé e o amor a Deus se abalaram, mas o sofrimento tem sua segunda fase, a positiva e racional, e essa lhe abrandou o coração e lhe recobrou a fé viva em Deus.

A irmã Maria Carmona teve muitas experiências na jornada de sua longa vida, presenciou as duas grandes guerras do século, lembra que ainda muito jovem ouvia as notícias das “baixas” nos campos de batalha da Europa. “No dia em que foi assinada a paz em Verdun, eu me lembro que foi uma grande festa em São Paulo. Todos saíam às ruas e abraçavam-se: pobres, ricos, brancos, negros. Houve banda de música, todos cantávamos e chorávamos de alegria.

Em São Paulo, presenciei ainda as famosas greves que antecederam a revolução de 1932 e a própria revolução. Trabalhei antes e depois desses acontecimentos em várias gráficas da cidade, como por exemplo a Espíndola; fui chefe da cartanagem de Monteiro Lobato. Quando estourou a II Grande Guerra em 1939, havia muito tempo que eu morava em Campinas e acabava de conhecer a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Foi num começo de tarde muito quente, num final de verão de 1938. Bateram à porta e meu marido foi atender e em seguida me chamou para tomar conhecimento da nova religião, um tanto estranha para nós, como eram estranhos seus pregadores. Nossa casa sempre foi aberta a todos os credos e nossa mesa compartilhada com todas as pessoas. Por causa do forte sol que fa-

zia lá fora, convidamos os dois moços a entrar. Na minha incurável curiosidade, em se tratando de novas doutrinas, perguntei-lhes sobre seus livros, em que baseavam sua fé, e assisti muito atenta a todas as palestras.

Em uma conversa com meu pastor metodista, disse a ele que os mórmons tinham vindo a nós e que sua mensagem era baseada na Bíblia. E ele disse: se eles pregam a Bíblia porque não ajudá-los em seu trabalho? Princípiei a chamar a meninada da vizinhança, de quem era muito amiga. Assim eles começaram a ir a minha casa para ouvir a grande mensagem e foram aos poucos sendo convertidos pelas palestras e reuniões que realizávamos nas casas uns dos outros. Quando chegou o momento do batismo, alguns encontraram severa oposição por parte das famílias. Dessa maneira só depois de um ano é que as coisas melhoraram e os primeiros batismos realizados em Campinas foram de Ruth Mendes, Flávia Garcia, Alfredo Lima Vaz, Roselli e depois seus filhos, Wilson e Valter, e apesar do nosso forte testemunho eu e meu marido nos batizamos bem depois.

Quando os Estados Unidos entraram na II Grande Guerra, os missionários foram chamados de volta a seu país; éramos nessa época um pequeno grupo de dezesseis pessoas que amávamos muito o Evangelho e a eles também. Foi um tempo de muita lágrima e sofrimento. Nessa época, o ramo de Campinas passou a ser dirigido por um grupo de brasileiros.

Entre as recordações mais agradáveis que ficaram estão as caravanas que organizávamos para os batismos realizados no rio Atibaia, no município de Souza.

Os anos passaram e tudo mudou: a Igreja se expandiu, a liderança foi ampliada, a população de Campinas multiplicou-se e hoje já não se fazem mais aquelas reuniões gostosas na casa de "Dona Maria", como era conhecida pelos vizinhos, onde ela sempre oferecia bolos e doces. Hoje sua idade já não permite saídas freqüentes nem atividades pesadas. Só uma coisa muito importante não passou nem mudou, mas cresceu como cresceu e se solidificou a Igreja em sua cidade: é seu testemunho sagrado e corajoso, como foi corajosa sua participação de pioneira do Evangelho em sua cidade:

"Sei que esta é a Igreja verdadeira de Jesus Cristo. As provações pelas quais passei e todos passam, são para o nosso progresso espiritual. Sou uma pessoa realizada pela alegria do Evangelho, e apesar da idade, e de já não ter o vigor físico, tenho a moral e a esperança viva em Deus. Posso dizer que cumpri minha missão na terra, principalmente por ver meus filhos a quem tanto amo abraçarem o Evangelho de Cristo. Desejo que todos possam gozar sempre das bênçãos infinitas do nosso Pai Amado. Em nome de Jesus Cristo. Amém."

Confecção de Garments e Roupas para o Templo de S. Paulo



Irmão Bonatti entre funcionários e o irmão Harmon

Com o advento do Primeiro Templo da América do Sul, em São Paulo, tornou-se necessária a implantação da primeira fábrica de garments e roupas do templo que terá como exclusivo objetivo a confecção das vestimentas destinadas às pessoas que receberam os endowments no templo.

A fábrica, já instalada, mas ainda em fase inicial, facilitará aos membros sul-americanos que receberam ou que irão receber os endowments no Templo, a compra dessas roupas.

A fábrica já conta com alguns funcionários em treinamento, aliás satisfatório e promissor e tem uma produção razoável, considerando que o início das operações é recente (junho). Mas a venda dos produtos demorará um pouco, pois existem testes a serem feitos, como o exame dos tecidos, reações à lavagem, qualidade, e em alguns casos aprovação de Salt Lake City para novos tipos de tecidos. Com respeito às vendas, será preciso obedecer aos requisitos legais, para segurança da nossa marca e nome da Igreja. Por isso, colocaremos os garments à venda no momento apropriado, atendendo aos membros que ansiosos esperam, sem dificultar ainda mais nosso início.

Em Salt Lake o controle da produção mundial é feito por um comitê, do qual participa a Sociedade de Socorro, e é supervisionado pelo Elder Stapley, do Quorum dos Doze, tal a seriedade e valor das roupas.

Tão logo a fábrica funcione em caráter definitivo, com o aumento do quadro de operadoras das máquinas, a produção atingirá entre sessenta a cem mil peças, antes mesmo da dedicação do Templo, para atender a procura por parte dos membros. A distribuição dos

garments será feita pelas lojas da Igreja e pela Sociedade de Socorro das Estacas, segundo o gerente, Irmão João A. Bonatti, e a Supervisora Irmã Vilma M. Figueira.

Irmão Bonatti explica que a fase mais difícil do empreendimento é a seleção de materiais e a legalização do estabelecimento comercial.

A escolha dos tecidos compreende a seleção de vários tipos como nylon, algodão, poliéster, cetim etc. Com algumas exceções, tem-se encontrado tecidos semelhantes aos usados nos Estados Unidos.

Materiais de aviamento são de alto custo, além de ser difícil de encontrar semelhante ao norte-americano, mas temos tido bons resultados.

Temos procedido à lavagem de tecidos e de garments já prontos, de diversos tipos para comprovarmos a qualidade, e durabilidade e toque do artigo, antes de ser posto à venda.

Para acompanhar essa tarefa, a direção da fábrica conta com a colaboração do casal Harmon, que veio de Salt Lake com designação especial.

O Irmão Harmon foi gerente da fábrica de garments e roupas do templo em Salt Lake por 32 anos, e sua esposa foi chefe da expedição para todos os países antes de a Igreja estabelecer fábricas na Inglaterra, no México e agora no Brasil.

Aposentados, os Harmon se propuseram a cumprir mais uma jornada para eles sagrada e portanto merece o melhor de si e dos irmãos que participam dela. Consideram satisfatórias as instalações e a qualidade do nosso material e mão-de-obra.

Vencida a primeira etapa, a próxima meta da gerência é facilitar ao máximo a distribuição das manufaturas.

